A Televisão e o nosso corpo

por

Alessandra Soares Muniz

(Aluna do Curso de Comunicação Social)

Monografia apresentada à Banca Examinadora na disciplina Projetos Experimentais.
Orientadora Acadêmica: Profª. Teresa Cristina da Costa Neves.

UFJF FACOM 2.sem.2001

MUNIZ, Alessandra Soares. A televisão e o nosso corpo. Juiz de Fora: UFJF, 2.sem.2001, 84 fls. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

Banca Examinadora:

_____

Professor Dr. Dalmer Pacheco de Almeida
Relator

_____

Professor Dr. José Luiz Ribeiro
Convidado

_____

Professora Teresa Cristina da Costa Neves
Orientadora Acadêmica

Examinado o projeto experimental:

Conceito:

Em:

Agradeço a meu pai pelo esforço de quase uma vida para me proporcionar educação. Obrigada pelo amor, carinho e o café de todas as manhãs.

À minha mãe, agradeço pela vida, as horas de estudo extraclasse, o incentivo à educação e a paciência que precisou ter para lidar com a minha teimosia.

A Edmundo Júnior, pelo amor e companheirismo que, para mim, sempre serão indispensáveis à qualquer realização. Obrigada pelo incentivo e por sua presença, que dá valor à minha vida.

Obrigada a Wanderluce Gonçalves de Oliveira Gomes, pela atenção e respeito dispensados a este humilde trabalho de conclusão de curso.

Agradeço a atenção da professora Teresa Cristina da Costa Neves na orientação deste trabalho e a indispensável bibliografia preliminar que despertou o interesse pelo tema estudado.

A televisão e a relação com o complexo funcionamento do nosso corpo. Os desdobramentos disto: respostas inconscientes dos nossos sentidos e conseqüente fascínio pelas imagens.

S U M Á R I O

1. INTRODUÇÃO

2. O PAPEL DA VISÃO

3. O MEIO É A MENSAGEM

3.1. *Redescobrindo a comunicação com nossos sentidos*

3.2. *O corpo sensitivo*

4. A VELOCIDADE COMO PROBLEMA: COMO A VELOCIDADE SE IMPÔS

5. AS CRIANÇAS COMO VÍTIMAS

6. CONCLUSÃO

7. BIBLIOGRAFIA

1. INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema deste trabalho foi despertado dentro de sala de aula, onde se discutia a hipótese de que quanto mais evoluído o meio de comunicação, mais primitivo era o conteúdo por ele veiculado.

Para desenvolver esta temática, o meio de comunicação mais atraente para ser pesquisado talvez fosse a internet. Entretanto, o interesse pessoal pela televisão foi decisivo na escolha do veículo a ser estudado. Além disso, em termos percentuais, o número de brasileiros conectados à rede mundial de computadores ainda é ínfimo: aproximadamente 7% da população.

Desta forma, parecia ser mais adequado fazer uma abordagem de um veículo de comunicação que está mais presente em nosso dia-a-dia, a televisão. Em todo o mundo, existe um bilhão e 260 milhões de televisores nos lares. Cada espectador assistiu, em média, no ano de 2000, três horas e 28 minutos de programação, sete minutos a mais que em 1999. No Brasil, a média é de quatro horas diárias, um recorde no continente. São 65 milhões de aparelhos em todo o país e, o número de televisores vendidos por ano no país só perde para os Estados Unidos e o Japão.

Somam-se a estes dados, outros mais preocupantes, como os que dizem respeito ao desempenho de outros meios de comu-

nicação. Raramente, um jornal brasileiro consegue uma circulação que ultrapasse um milhão de exemplares. Dentre as revistas, somente "Veja" consegue vender 1,2 milhão. São vendidos no Brasil cerca de dois exemplares de revista por habitante ao ano, o que nos deixa bem atrás da Argentina, onde se vende cinco exemplares, dos Estados Unidos, com trinta, e da França, onde se chega a 47 exemplares por habitante anualmente. Isto pode ser entendido através dos índices de analfabetismo, de 13,3%, e de analfabetismo funcional (quando a pessoa lê mas não sabe interpretar adequadamente o que foi lido), de 29,4%. Desta forma, a televisão passa a ser o principal meio de comunicação do país. O Brasil se conhece pela TV e, como disse Eugênio Bucci, a TV monologa dentro das nossas casas. Ela é o principal meio de informação e de conexão com o mundo para milhões de pessoas.

Estes dados parecem razoáveis para justificar a importância de mais um estudo sobre a TV. A questão seguinte era a preocupação de que o projeto não fosse apenas mais um entre tantos outros preocupados com a qualidade da programação, a deturpação de valores, a influência de comportamento, o apelo a determinadas formas de expressão da sexualidade e à violência. Tais assuntos têm sido não raro estudados, sobretudo, com base na psicologia, especialmente fundamentadas em Freud sobre os aspectos instintivos do homem. Seria este, portanto, o principal apelo das emissoras como forma de ala-

vancar a audiência. Embora tais trabalhos sejam relevantes no esclarecimento dos artifícios usados pela TV ao se dirigir a aspectos de nossa vida mais primitiva, muitas vezes ainda desconhecida por nós, a intenção foi fazer uma outra abordagem.

Quando a TV foi lançada, pouco se sabia sobre a sua influência no comportamento das pessoas. Um dos precursores de estudos sobre os efeitos da televisão foi Herbert Marshall McLuhan. Ao afirmar que "o meio é a mensagem" e que todos os meios de comunicação são extensões de nosso ser físico, ele revolucionou o debate sobre os verdadeiros problemas que a TV poderia provocar. Mesmo sendo criticadas, especialmente por uma parte da comunidade universitária dos EUA nas décadas de 60 e 70, as idéias de McLuhan se mostraram, com o tempo, muito atuais e reveladoras. Apesar de ainda pouco se ter falado sobre a relação entre o aparelho de televisão e o nosso corpo, vários autores retomaram as idéias de McLuhan e propuseram análises originais que precisam ser mais exploradas se quisermos entender o porquê desta nossa relação tão íntima com os televisores.

Portanto, a base teórica deste trabalho são as idéias de Marshall McLuhan e de alguns de seus herdeiros teóricos, como Derrick de Kerckhove. Mas isto não exclui outros autores com idéias bem originais como Paul Virilio. As inúmeras análises da TV, aliás, revelam como a comunicação é um campo

multidisciplinar. Já se procurou entender a TV sob aspectos antropológicos, sociológicos, psicológicos, estéticos, políticos, entre outros. Mas por que não se estudar mais a fundo a relação da TV com a biologia e seus vários ramos como a fisiologia e a teoria da evolução pela seleção natural? Qual a nossa relação orgânica com a tela? McLuhan foi pioneiro ao reconhecer que os sistemas eletrônicos de informação, como a TV, são ambientes vivos e alteram nossos sentimentos e sensibilidade, principalmente quando não estamos prestando atenção neles.

Este é o interesse do presente trabalho. Tentar conhecer o que está acontecendo com o nosso corpo inserido no ambiente da televisão. Numa perspectiva maniqueísta, a TV se impôs à civilização ocidental. Não adianta ignorá-la. Precisamos, antes, estudar, entender e discutir seus aspectos, dimensões e efeitos.

2. O PAPEL DA VISÃO

Nossos olhos parecem ser a parte fundamental de nosso corpo para a apreensão das imagens quando assistimos à televisão. Esta afirmação não deixa de ser correta. O olho é o principal órgão sensorial do homem na medida em que fornece a maior parte das informações que recebemos do ambiente[1]. Para alguns autores, "o contato ocular parece constituir o ponto de partida para a maior parte das interações sociais"[2].

Existem várias teorias que tentam explicar a primazia do sentido visual. Para Marshall McLuhan, o papel exclusivista da visão existe há pelo menos três mil anos e é conseqüência da introdução do alfabeto fonético na cultura ocidental. A alfabetização estimulou a percepção do mundo em termos visuais e espaciais uniformes, contínuos e interligados. Isto porque o alfabeto é constituído por partes que não têm significado semântico se analisadas separadamente. As letras precisam ser atadas numa linha e em ordem preestabelecida para formarem um sentido[3] .

Recorrendo a Paul Levinson, um dos herdeiros teóricos de McLuhan, podemos constatar que "as tecnologias têm conseqüências inesperadas da mesma forma que os organismos biológicos"[4] . E, como uma tecnologia, o alfabeto representou

[1] Cf. CURTIS, H. 1977: p. 649.
[2] RECTOR, M., TRINTA, A. R. 1995: p. 36.
[3] Cf. MCLUHAN, M. 1969: p. 72.
[4]

uma verdadeira revolução no mundo político, econômico e sensorial dos homens. As pessoas tiveram de aprender a ler e a escrever para acompanhar as mudanças de seu tempo. Assim, a visão foi sendo cada vez mais usada e explorada para a árdua tarefa de domínio e utilização do idioma.

Desta forma, como nos processos de seleção natural, o olho passa a ser o órgão dominante de orientação social e sensorial dos homens. Como disse McLuhan, o mundo mágico da audição, que era o principal órgão do sentido das sociedades pré-letradas, dá lugar ao ambiente neutro da visão. "O homem recebeu um olho em troca do ouvido"[5] com o uso progressivo do alfabeto, pois o som das palavras que eram ouvidas com a comunicação oral foram traduzidos por códigos visuais que são as letras[6].

Para Helena Curtis, a visão muito desenvolvida nos homens está relacionada com o progressivo uso das mãos para movimentos precisos. Essa hipótese é relevante já que o "olho humano é construído de tal modo que as imagens mais nítidas – imagens sobre a fóvea[7] – são as de objetos que estejam ao alcance da mão"[8].

LEVINSON, P. 1998: p. 34.

[5] MCLUHAN, M. 1969: p. 72.

[6] Cf. MCLUHAN, M. 1977: p. 45.

[7] A fóvea é a única área da retina humana na qual o cristalino forma uma imagem nítida. As aves podem ter duas ou três fóveas já que dependem mais da visão do que de qualquer outro sentido. A maioria dos vertebrados não tem fóvea e sua visão pode ser comparada à que temos quando vemos pelos cantos dos olhos. Cf. CURTIS, H. 1977: p. 640.

[8] CURTIS, H. 1977: p. 644.

Mas, independente de qual teoria seja a mais aceita, crer passou a ser sinônimo de ver. Nos sentimos mais seguros quando podemos ver as coisas e prevenimos nossas crianças para não acreditarem em nada do que ouvem, apesar de estarem autorizadas a confiar em boa parte do que vêem. Nosso dia-a-dia está repleto de metáforas e expressões visuais. Nossos homens mais sábios são visionários ou videntes[9].

Derrick de Kerkhove, outro herdeiro do pensamento de McLuhan, afirma que esta especialização da visão acontece porque crescemos com uma programação genética, mas também somos modificados neurologicamente pelo contexto cultural. E estes condicionamentos culturais requerem respostas seletivas e redefinem as sensações obtidas em nosso cotidiano[10].

Kerckove descreve a visão como exclusiva e obsessiva. Para ele, "a visão frontal permitida pelos olhos encoraja a especialização da atenção que tende a eliminar todas as outras formas de percepção"[11], mesmo não eliminando a importância dos outros sentidos. Para se ter uma idéia, a visão requer oito vezes mais energia do que a audição, além de ser mais rápida e mais completa que esta última[12]. Estima-se que os olhos são capazes de realizar cerca de cem mil fixações diariamente[13].

---

[9] Cf. MCLUHAN, M. 1969: p. 145.
[10] Cf. KERCKOVE, D. 1995: p. 149.
[11] KERCKHOVE, D. 1995: p. 148.
[12] Cf. KERCKOVE, D. 1995: p. 148.
[13] Cf. KEY, W. B. 1996: p. 59.

Entretanto, com o desenvolvimento dos circuitos elétricos, o homem não é mais essencialmente visual. Mesmo assim, a televisão, que existe graças à eletricidade, parece aproveitar-se da grande capacidade sensorial da visão para deixar as pessoas fascinadas por suas imagens. Todo movimento na tela atrai automaticamente a nossa atenção, como se alguém estivesse nos tocando[14]. "Nossos olhos são atraídos pelo ecrã como o ferro por um íman"[15].

Neste ponto, podemos recorrer também ao pensamento de Paul Virilio, para quem o olhar e sua organização espaço-temporal antecedem o gesto, a fala e sua coordenação nos atos de conhecer, reconhecer e fazer conhecer[16]. Para Ciro Marcondes Filho, a televisão é fascinante e mais perspicaz que outras formas de comunicação porque tem uma linguagem nova, que primeiro atrai o receptor para só depois ser incorporada por ele[17]. E isto só é possível porque a visão ainda é um fortíssimo mecanismo de apreensão da realidade.

Na sociedade que se tem definido como pós-moderna, as imagens nos fascinam e nossos olhos participam do reconhecimento do prazer que elas nos proporcionam. Dependendo da intensidade luminosa, nossas pupilas se dilatam para poder ver o que gostamos ou se contraem para o que nos desagrada[18].

---

[14] Cf. KERCKOVE, D. 1995: p. 39.
[15] KERCKOVE, D. 1995. p. 39.
[16] Cf. VIRILIO, P. 1994: p. 22.
[17] Cf. MARCONDES FILHO, C. 1988: p. 37.
[18] Cf. RECTOR, M., TRINTA, A. R. 1995: p. 36.

> Televisão é antes de mais nada uma série de imagens. Ora, como seres humanos crescemos com imagens; pensamos em imagens; somos programados através de milhares de anos de evolução para reconhecer e responder a imagens [...] querendo ou não as imagens nos influenciam[19].

Compartilhando destes pressupostos, João de Almeida Santos cunhou o termo *Homo Videns* para designar o homem da cultura televisiva. O *Homo Videns*, para ele, é aquele que só conhece e reconhece o que vê, que está em contato com muitas opiniões, imagens, fatos, fragmentos de cultura e de saber. O problema é que este contato visual costuma ser caótico. Para Santos, "a estratégia do discurso televisivo é a eficácia: prender o olhar ao vídeo"[20]. E, se esta estratégia não funciona, provoca o *zapping*, que é a procura incessante de algo que prenda o olhar.

Desta forma, outro termo foi criado por Santos. É o *Homo Zappiens*, aquele que é televisivamente hiperativo, que corre à procura da imagem que o domine, o fascine e o paralise. Faz isto devido a uma espécie de agitação psicomotora um tanto quanto confusa, motivada pela necessidade de absorver rápida e permanentemente as seqüências de imagens[21].

---

[19] CONDRY, J. apud ACOSTA-ORJUELA, G. M. 1999, p. 17.
[20] SANTOS, J. A. 2000: p. 23.
[21] Cf. SANTOS, J. A. 2000: p. 15.

O problema é que a velocidade seqüencial destas imagens tende a gerar cegueira e esquecimento, pois, na ânsia de tudo ver e tudo saber, nada se vê e nada se sabe[22].

A televisão também parece se encaixar adequadamente no que Paul Virilio chamou de "máquinas de visão", destinadas a ver em nosso lugar. Isto porque são capazes de nos superar em alguns domínios,

> determinadas operações ultra-rápidas em que nossas próprias capacidades visuais são insuficientes pelo fato da limitação, não mais da profundidade de campo de nosso sistema ocular, como acontecia com o telescópio e o microscópio, mas pela *profundidade de tempo* excessivamente fraca de nossa apreensão fisiológica das imagens[23].

Neste sentido, podemos entender porque McLuhan já dizia que com a eletricidade o homem ocidental perde muito do seu componente visual. Os meios puramente visuais ficaram lentos para acompanhar as altas velocidades das comunicações elétricas[24]. O olhar não dá mais conta de reconhecer e organizar a realidade na televisão.

A visão passa a ser apenas um componente de uma complexa inter-relação com os outros sentidos no processo de assimilação das mensagens televisivas.

---

[22] Ibidem, p. 24.
[23] VIRILIO, P. 1994: p. 88 e 9.
[24] Cf. MCLUHAN, M. 1969: p. 91.

3. O MEIO É A MENSAGEM

As sociedades sempre foram moldadas, mais pela natureza dos meios que os homens usam para comunicar-se que pelo conteúdo da comunicação.
MARSHALL MCLUHAN.

Foi por este tipo de preocupação, que Marshall McLuhan recebeu inúmeras críticas. Para ele, não é possível entender as transformações sociais e culturais ocorridas na sociedade ocidental com o advento da televisão, sem compreender o funcionamento técnico deste meio de comunicação.

Esta afirmação provocou a ira das correntes ideológicas das décadas de 60 e 70, fossem elas, políticas, sociais ou religiosas. Para estes teóricos, é evidente que a mensagem é o conteúdo, pois acreditavam ser as ideologias responsáveis pela movimentação da história[25].

Há também aqueles que concordam em parte com as teorias macluhianas. Entre eles, Joan Ferrés. Ele afirma que pode-se chegar a um equilíbrio com a formulação de uma nova máxima: o efeito é a mensagem. Assim, teremos que reconhecer a existência dos efeitos derivados dos conteúdos, dos meios e, inclusive, da linguagem. Sendo que, cada um destes efeitos tem a sua parcela de influência sobre o destinatário da mensagem, o meio social em que atua e o contexto comunicativo imediato. Ou seja, a mensagem seria o resultado obtido com a interação de todos estes fatores[26].

Também não podemos deixar de ressaltar, aqueles que concordam com McLuhan e detectam em suas idéias "elementos valiosos para uma verdadeira teoria da televisão"[27]. É o caso

---

[25] Cf. FERRÉS, J. 1998: p. 257.
[26] Cf. FERRÉS, J. 1998: p. 258.
[27] SODRÉ, M. 1984: p. 21.

de Muniz Sodré. Ele acredita que há a possibilidade de se formular um conceito de televisão com a observação da forma de relações sociais que a TV nos induz em conseqüência de sua sistematicidade operacional[28].

Toda esta polêmica, no mínimo, faz com que as proposições de McLuhan estimulem o debate. Entretanto, é preciso entender a afirmação de que "o meio é a mensagem".

O meio de tecnologia elétrica está "remodelando e reestruturando padrões de dependência social e todos os aspectos de nossa vida pessoal"[29]. Assim, estamos sendo forçados a reconsiderar e reavaliar, praticamente, todos os pensamentos, ações e instituições antes aceitos como óbvios, e essa mudança é dramática[30].

Entretanto, nunca iremos perceber estas transformações, estes efeitos dos meios, se continuarmos a estudar apenas os seus conteúdos, que para McLuhan é um outro meio: "o efeito de um meio se torna mais forte e intenso justamente porque o seu 'conteúdo' é um outro meio"[31]. É por isto que os donos dos meios dizem se empenhar para dar ao público o que ele quer, porque sabem que a verdadeira força do veículo reside no próprio meio e não em sua mensagem ou linha editorial[32].

---

[28] Cf. SODRÉ, M. 1984: p. 21.
[29] MCLUHAN, M. 1969: p. 36.
[30] Cf. MCLUHAN, M. 1969: p. 36.
[31] MCLUHAN, M. 1964: p. 33.
[32] Cf. MCLUHAN, M. 1964: p. 245.

> Os efeitos da tecnologia não ocorrem aos níveis das opiniões e dos conceitos: eles se manifestam nas relações entre os sentidos e nas estruturas da percepção, num passo firme e sem qualquer resistência[33].

Partindo desta idéia, pretende-se com este trabalho fornecer elementos ou subsídios para o estudo e o entendimento do meio de comunicação que a TV representa. Como disse Wilson Bryan Key, "talvez a defesa mais eficaz contra a manipulação da mídia venha do conhecimento sobre a cultura, a linguagem, a tecnologia dos meios de comunicação e a percepção"[34]. E é isto, justamente, o que não acontece, segundo ele, nas sociedades de alta tecnologia, na quais

> as pessoas têm sido treinadas (...) na direção oposta – para o analfabetismo visual, a ignorância sobre a linguagem e a preferência dócil pela superficialidade no lugar da essência[35].

Este trabalho pretende ser uma modesta contribuição para que tais obstáculos sejam vencidos.

3.1. Redescobrindo a comunicação com nossos sentidos

Todos os meios de comunicação agem impiedosamente sobre nós e são um prolongamento de alguma faculdade humana psíquica ou física[36]. A razão disto é que os meios de comunicação, ao alterarem o ambiente, despertam em nós percepções sensori-

---

[33] MCLUHAN, M. 1964: p. 34.
[34] KEY, W. B. 1996: p. 73.
[35] Ibidem.
[36] Cf. MCLUHAN, M. 1969: p. 54.

ais agudas, que não são obtidas necessariamente só pela visão ou mais por ela, mas que alteram nossa forma de agir e pensar[37].

Mônica Rector e Aluizio Ramos Trinta, no livro *A comunicação do corpo*, já nos dão uma idéia da importância de nossos sentidos na percepção da realidade. Para eles, os cinco sentidos são instrumentos que o homem dispõe para perceber o mundo, absorvê-lo e transformá-lo em cultura[38].

Os receptores sensoriais fazem parte de nosso sistema nervoso. Os órgão dos sentidos, assim como os demais órgãos do corpo, foram se adequando a necessidades específicas ao longo do tempo, como resultado da adaptação ao ambiente e conseqüente evolução. Por isso são tão capazes de fornecer os mecanismos necessários para nos informar sobre afeto e desafeto, sinais de perigo, mudanças no tempo e nas estações, além de serem uma fonte de prazer estético e provedores de instrumentos de aprendizagem[39].

Desta forma, não podemos deixar de fazer algumas considerações sobre os nossos sentidos:

- A visão: como já foi visto no capítulo 2, a visão foi se especializando com o uso do alfabeto fonético e tornou-se o nosso principal meio de percepção do mundo.

---

[37] Ibidem, p. 69.
[38] Cf. RECTOR, M., TRINTA, A. R. 1995: p. 35.
[39] Cf. CURTIS, H. 1977: p. 636.

Apesar disto, este sentido é considerado um receptor à distância e não imediato ou próximo, como o paladar, o tato ou o olfato. Também como já foi assinalado, a visão não é mais o nosso sentido predominante desde o surgimento dos meios elétricos como a TV. E, quando estamos privados deste sentido da visão, os outros sentidos procuram suprí-lo[40].

- Audição: "Se a visão é tida como o mais 'racional' dos sentidos, é possível que seja a audição o mais sensível"[41]. Paul Levinson pode nos fornecer uma explicação para este fato pois

> enquanto ouvir sem ver é um modo invasivo, natural <<pré-tecnológico>> da comunicação humana, ver sem ouvir não é. O mundo escurece todas as noites mas nunca fica completamente silencioso; podemos interromper sem esforço a visão fechando os olhos, mas não temos pálpebras nos ouvidos; normalmente olhamos para uma coisa e ouvimos outra qualquer ...[42].

O ouvido não tem preferência por um ponto de vista, o som nos envolve por completo, ele vem de toda parte, de cima, de baixo, de trás, da frente, da esquerda e da direita. Não conseguimos fechar às portas ao som, e por isso, o mundo da audição é um universo de relações simultâneas[43].

A audição tem merecido ser tão estudada quanto a visão, pois, como realçado anteriormente neste estudo, antes da primazia da visão, numa época remota, o ouvido funcionava

---

[40] Cf. MCLUHAN, M. 1964: p. 88.
[41] RECTOR, M., TRINTA, A. R. 1995: p. 40.
[42] LEVINSON, P. 1998: p. 131.
[43] Cf. MCLUHAN,H.M.1996:p.139.

como

> uma espécie de radar, uma antena sensorial que servia para detectar índices sonoros anormais. Funcionava a qualquer hora do dia, permitindo uma sondagem e um controle do ambiente físico[44].

O interessante é que ainda guardamos resquícios deste nosso passado pré-histórico quando empregamos inúmeras metáforas em nosso dia-a-dia. Isto fica claro quando dizemos para alguém "apurar os ouvidos" ou "ouvir bem", também quando "ficamos de orelha em pé" ou "arrebitamos as orelhas" para prestar atenção na conversa alheia[45].

- Olfato: mesmo sendo um sentido de proximidade, o olfato não tem reconhecida a sua devida importância por ser um sentido pouco estudado. Existem explicações para este fato. Uma delas é que muitas vezes subestimamos o valor do nariz porque desde cedo somos educados a reprimir as manifestações de nosso corpo, consideradas inadequadas socialmente. Nem mesmo o nosso próprio cheiro costuma nos agradar. À tarde costumamos dizer que estamos cheirando e que é preciso tomar banho, como se cheirar fosse algo condenável. Nosso odor natural é camuflado com os produtos da indústria cosmética, que criou inúmeros perfumes, talcos e desodorantes[46]. Por outro lado, temos os ferohormônios

---

[44] RECTOR, M., TRINTA, A. R. 195: p. 40.
[45] Cf. RECTOR, M., TRINTA, A. R. 1995: p. 40.
[46] Cf. RECTOR, M., TRINTA, A. R. 1995:p. 47.

(hormônios de atração) que têm despertado a atenção, como a realização de pesquisas, inclusive das referidas indústrias.

Outro aspecto a ser considerado é o de que, diferentemente dos animais, que têm no cheiro uma forma básica de comunicação, o homem considera a mensagem olfativa difícil de compreender, já que não consegue dar uma materialidade física ao cheiro[47].

Entretanto, o olfato tem uma peculiaridade: "é o único sentido humano cujas células receptoras são as próprias células cerebrais em contato direto com o estímulo recebido"[48]. A relativa insensibilidade de nosso receptor olfativo esconde a capacidade de discriminar cerca de 10 mil odores diferentes[49].

O olfato ainda é um importante meio de transmissão de mensagem. O perfume que usamos é um exemplo. Ele demonstra o nosso grau de higiene pessoal e, conseqüentemente, a afirmação da nossa sociabilidade. Ele também favorece o reconhecimento de nossa presença de acordo com um juízo de valor estético condicionado[50]. O perfume ainda estimula uma espécie de "memória olfativa" que parece estar ligada à "reprodução" de situações vivenciadas.

---

[47] Ibidem, p. 46.
[48] RECTOR, M., TRINTA, A. R. 1995: p. 48.
[49] Cf. CURTIS, H. 1977: p. 646.
[50] Cf. RECTOR, M., TRINTA, A. R. 1995: p. 46.

- Paladar: este é outro sentido que tem sua devida importância pouco estudada. Também costumamos subestimar o valor da língua, assim como o do nariz e da pele. Mesmo assim, o paladar é tido como um sentido de proximidade ou íntimo, como preferem alguns autores[51]. Não conseguimos sentir o sabor dos alimentos à distância, e "o gosto que sentimos das coisas, assim como a composição exata de nossa saliva, pode ser tão individual quanto nossas impressões digitais"[52].

Comer é uma grande fonte de prazer, pois envolve um complexo de satisfação, tanto fisiológica como emocional, que nos remete à boa parte de nossas lembranças infantis[53]. Além disso, no ato de saborear um alimento, usamos outros sentidos. O resultado gustativo inclui a observação da textura do alimento, seu cheiro, temperatura, cor e dor, como no caso das especiarias. "Os engenheiros dos alimentos, mágicos da persuasão sutil, criam os produtos de maneira a atingir o maior número possível de nossos sentidos"[54], talvez por saberem da relevância de todos eles.

Desta forma, não é de se estranhar que a boca tenha sido uma das primeiras partes do nosso corpo e de outros or-

[51] Cf. ACKERMAN, D. 1992: p .162.
[52] ACKERMAN, D. 1992: p. 162.
[53] Cf. ACKERMAN, D. 1992: p. 163.
[54] ACKERMAN, D. 1992: p. 178.

ganismos a ser desenvolvida na evolução, sendo também um dos primeiros traços a surgir no embrião humano[55].

- Tato: apesar de ter sido pouco estudado até hoje, há quem defenda que o tato talvez seja o primeiro dos cinco sentidos. Isto porque o tato, sendo a capacidade de tocar e sentir objetos externos, é a primeira forma disponível para nos comunicar[56]. Além disso, como já foi mencionado, a importância do tato também está no fato de ele proporcionar a inter-relação de todos os sentidos.

E é o tato que vai nos dar a base para entender melhor a afirmação de McLuhan segundo a qual, como um meio de comunicação elétrico, a TV não seria um simples prolongamento de nossa visão. A televisão exige envolvimento em profundidade e "é uma extensão do sentido do tato, que envolve a máxima inter-relação de todos os sentidos"[57].

Com a televisão, completa-se o ciclo do *sensorium* humano, pois ela é menos um meio visual que tátil-auditivo[58]. Isto explica porque ela tanto nos fascina e nos envolve profundamente.

> A televisão exige participação e comprometimento em profundidade de todo o ser. Não pode servir de fundo. Ela o compromete (...). Essa carga de cavalaria ligeira elevou nossa per-

[55] Cf. ACKERMAN, D. 1992: p. 179.
[56] Cf. RECTOR, M., TRINTA, A. R. 1995: p. 43.
[57] MCLUHAN, M. 1964: p. 375.
[58] Cf. MCLUHAN, M. 1964: p. 378.

> cepção geral da forma e sentido de vidas e acontecimentos a um nível de extrema sensibilidade[59].

Todo meio, por ser uma extensão ou um acelerador de nossa vida sensorial, afeta de uma só vez o campo total dos sentidos[60]. É aí que cabe mais uma vez a afirmação de que "o meio é a mensagem", pois, ao reagirmos aos meios eletrônicos, é como se nossos olhos e ouvidos quisessem ir contra a realidade do mundo de formas, cores e sons que nos atingem[61].

O interessante é que o homem primitivo, anterior ao alfabeto, vivia como nós estamos vivendo sob a orientação das tecnologias elétricas. Até a invenção da escrita, o homem vivia "no mundo da emoção por intuição primordial"[62], preferindo um espaço acústico, sem horizonte e mais olfativo que visual[63].

Com os meios elétricos, os indivíduos estão recuperando os padrões de envolvimento intenso do homem tribal. E esta já tinha sido a idéia de McLuhan sobre as conseqüências da televisão na América[64]. Derrick de kerckhove afirma que, nos anos 60, a televisão proporcionou uma grande quantidade de experiências sensoriais nos telespectadores, fazendo com que eles redescobrissem uma verdadeira orgia de sentidos[65].

---

[59] MCLUHAN, M. 1969: p. 153.
[60] Cf. MCLUHAN, M. 1964: p. 63.
[61] Cf. Ibidem, 1969: p. 36.
[62] MCLUHAN, M. 1969: p. 76.
[63] Cf. MCLUHAN, M. 1969: p. 85.
[64] Cf. MCLUHAN, M. 1964: p. 40.
[65] Cf. KERCKHOVE, D. 1997. p. 239.

Partindo desta idéia, Paul Levinson critica os que consideram os meios de comunicação artificiais como desumanizadores. Para Levinson, investimos o mais profundo do nosso eu em todos os aspectos da realidade externa com que nos deparamos[66]. O autor chegou até mesmo a desenvolver uma teoria da evolução dos meios de comunicação, a teoria antropotrópica. Ela defende que "os meios de comunicação parecem evoluir para modos que replicam cada vez mais padrões naturais de comunicação humana"[67]. E os meios que têm um desempenho mais próximo destes padrões naturais serão mais resistentes aos concorrentes que possam aparecer[68].

Para ilustrar esta teoria antropotrópica, temos o exemplo do rádio que explora mais o nosso sentido auditivo e torna-se menos interessante frente à internet, que é um meio no qual se explora todos os sentidos. A capacidade de interatividade deste novo veículo de comunicação nada mais é que uma extensão do tato que, como dizia McLuhan, é um sentido envolvido com todos os outros.

Por esta análise, também podemos entender melhor porque o meio de comunicação que está sofrendo mais com a concorrência da internet é a televisão[69]. A internet replica mais padrões naturais de comunicação humana que a TV, que proporciona uma interatividade superficial. Jean Baudrillard chega a

[66] Cf. LEVINSON, P. 1998: p. 73.
[67] LEVINSON, P. 1998: p. 132.
[68] Cf. LEVINSON, P. 1998: p. 133.
[69] Cf. DIZARD, W. J. 2000: p. 126.

dizer que não existe comunicação nos veículos de massa se levarmos em conta que comunicação significa troca, reciprocidade de discurso, fala e resposta[70]. Talvez, a interatividade ideal para a televisão fosse a criação de canais que dessem visibilidade às opiniões dos telespectadores. Um *ombudsman* ficaria responsável por responder e comentar essas opiniões[71].

Wilson Dizard Júnior afirma que esta concorrência será ainda maior com a disponibilidade de tecnologias mais modernas, como a transmissão via satélite e o fornecimento de serviços de informação e entretenimento por fibra óptica[72].

Mas, mesmo perdendo receita publicitária para outras mídias como a internet, as participações das redes de TV no montante dos gastos publicitários continuam altas[73], e isto já é suficiente para não deixarmos de dar atenção a este meio de comunicação a que o presente trabalho se propõe a estudar.

Mesmo sendo parcialmente superada por outros meios mais sedutores sensorialmente, a televisão parece ter se encaixado bem na teoria de Paul Levinson. Durante mais de 50 anos, ela reina em nossos lares, desbancando concorrentes de peso como o rádio, o cinema e os jornais impressos.

E não são poucos os teóricos que, como Levinson, recorrem ao estudo da biologia para tentar explicar o funcionamen-

[70] Cf. BAUDRILLARD, J. apud SODRÉ, M. 1984: p. 25.
[71] Cf. BUCCI, E. 1998.
[72] Cf. DIZARD, W. J. 2000: p. 126.
[73] Ibidem, p. 131.

to e o efeito da televisão. Entre eles, novamente, Derrick de Kerckhove.

Ele diz, no livro *A pele da cultura*, que o nosso sistema neuromuscular segue as imagens que passam na tevê, mesmo que a mente divague ocasionalmente. Isto é involuntário e está de acordo com a nossa programação biológica ancestral. O sistema nervoso autônomo dos mamíferos mais evoluídos está treinado a dar respostas à qualquer alteração percebida no ambiente e que seja relevante para a sobrevivência. Este condicionamento para responder à qualquer estímulo interno ou externo tem o nome de Reação Orientadora (RO), de acordo com a fisiopsicologia. Esta Reação Orientadora chama a nossa atenção para o estímulo e desperta uma Reação Defensiva, para que possamos nos proteger deste mesmo estímulo[74].

Aplicando isto à televisão, Kerckhove reafirma que o meio é a mensagem. E, esta mensagem, para ele, nada mais é, que o piscar constante do feixe de electrões[75] percorrendo a tela. A mudança e o corte nas imagens provocam as Reações Orientadoras (que são nosso condicionamento para responder aos estímulos recebidos), chamando nossa atenção sem satisfazê-la necessariamente.

---

[74] Cf. KERCKHOVE, D. 1997. p. 39 e 40.

[75] Electrões são pontos de luz muito velozes que percorrem a tela do tubo de TV formando as imagens que nossa visão capta e percebe como completa. Dos três milhões de pontos por segundo que aparecem no vídeo, o telespectador capta algumas dúzias ou pouco mais de 70 pontos com os quais forma a imagem. Cf. MCLUHAN, M. 1964: p. 188.

Geralmente, em nosso dia-a-dia, vamos arrumando os estímulos recebidos à medida que os conhecemos, seja identificando-os imediatamente ou desenvolvendo uma estratégia para lidar com eles. Isto se deve ao fato de necessitarmos de uma resposta que é uma reação completa a um estímulo. Só que a televisão vai contra esta nossa programação biológica. Nós simplesmente não conseguimos acabar de lidar ou dar uma resposta aos estímulos iniciais, porque a TV provoca uma rápida sucessão de Reações Orientadoras, mas não nos dá tempo necessário para produzir uma resposta[76].

Quando assistimos à televisão, as nossas defesas estão em baixa, já que ficamos vulneráveis à sedução multissensorial[77]. Talvez esteja aí a verdadeira dimensão táctil que McLuhan atribuía à televisão[78]. Para Kerchove, "o meio é a mensagem", porque "a televisão nos acaricia e impregna o seu significado por debaixo da nossa pele"[79].

3.2. O corpo sensitivo

> ...a era da eletricidade nos introduz num mundo em que vivemos, respiramos e ouvimos com toda a epiderme.
> MARSHALL MCLUHAN.

[76] Cf. KERCKHOVE, D. 1997: p. 40.
[77] Ibidem, p. 46.
[78] Cf. KERCKHOVE, D. p. 49.
[79] KERCKHOVE, D. 1997. p. 49.

A comunicação é uma necessidade básica do ser humano e todo o nosso corpo é mobilizado a participar de qualquer interação social. Para se ter uma idéia, 65% do total de mensagens enviadas e recebidas por nós são elementos não-verbais de comunicação social[80].

Qualquer meio de comunicação nos obriga a responder fisicamente ao seu modo de funcionamento. Para ver televisão, temos que nos deslocar e sentar em frente à tela[81]. Mas, recorrendo à frase de Wilson Bryan Key, nada no mundo é assim tão simples[82].

É o que demonstrou Derrick de Kerckhove. Ele participou de uma experiência com um sofisticado sistema de análise das reações fisiológicas das pessoas que eram submetidas a ver qualquer coisa, especialmente imagens televisivas. Os inventores desta técnica foram Steven Kline, diretor do Laboratório de Análise dos Media da Simon Fraser University, em Vancouver, e seu irmão Rob.

Kerckhove conta que ligaram-no a um computador através de um conjunto de dipositivos destinados a medir as reações de sua pele. Um dos sensores estava ligado a seu dedo médio esquerdo para ler a condutividade de sua pele. Outro foi ligado à sua testa para, provavelmente, medir sua atividade cerebral. Um terceiro foi colocado em seu pulso esquerdo,

[80] Cf. RECTOR, M., TRINTA, A. R. 1995: p. 21.
[81] Cf. KERCKHOVE, D. 1997: p. 275.
[82] Cf. KEY, W. B. 1996: p. 35.

para medir as pulsações e um último foi fixado sobre a zona do coração, para monitorar a sua circulação. Em sua mão direita, foi colocado outro aparelho, um *joystick* bastante primitivo, que era empurrado para frente ou para trás indicando se ele gostava ou não do que estava vendo[83].

A partir daí, Kerckhove foi assistindo a uma sucessão rápida de imagens típicas: sexo, publicidade, *talk shows*, sentimentalismo e tédio. Os cortes nas imagens aconteciam de quinze em quinze segundos, o que não é uma velocidade excessiva em televisão. Mesmo assim, ele achou difícil manter o ritmo do *joystick* em seu papel de crítico por reflexo. Após vinte minutos de experiência, Kerckhove se disse frustrado por ter conseguido exprimir apenas movimentos poucos convincentes do pulso de aprovação e desaprovação, sendo que, em alguns momentos, não teve tempo para exprimir nada.

Mas a surpresa veio com a análise dos gráficos no computador. Ele verificou que cada corte, cada movimento, cada mudança de plano tinha sido percebido por um ou outro sensor e registrado no computador. Ele pôde ver as agitadas linhas dos gráficos que correspondiam à condutividade da sua pele, ritmo cardíaco, circulação e as reações em sua testa. Kerckhove ficou espantado porque, enquanto lutava para exprimir uma opinião sobre o que estava vendo, todo o seu corpo ouvia, via e reagia instantaneamente. Uma das conclusões

---

[83] Cf. KERCKHOVE, D. 1995: p. 37.

de Kerckhove foi a de que a televisão fala, primeiramente, ao nosso corpo e não à nossa mente[84].

Para a teórica Hertha Sturm, não conseguimos integrar a informação televisiva a um nível de consciência completo porque nos falta tempo. Ela afirma que as mudanças rápidas como saltos inesperados de imagens para texto ou de texto para imagem bloqueiam a verbalização[85]. Quando se depara com estas mudanças rápidas, o espectador é levado de imagem para imagem, o que exige uma adaptação inesperada mas constante aos estímulos perceptivos. Como resultado, o espectador não consegue manter o ritmo e desiste de fazer classificações mentais. Ele passa a reagir de forma crescentemente fisiológica, reduzindo a compreensão[86].

Edward Renouf Slopek cunhou o termo "colapso do intervalo" para indicar o fato de a TV eliminar o efeito de distanciamento - intervalo entre estímulo e reação – e o tempo para o processamento da informação em nosso consciente. Ele sugere que a televisão nos deixa pouco, se é que deixa algum, tempo para refletir sobre o que vemos[87].

A mente demora pelo menos meio segundo para produzir uma resposta adequada a um estímulo completo. Isto nos é negado pela televisão. É a chamada "síndrome do meio segun-

---

[84] Cf. KERCKHOVE, D. 1995: p. 38.
[85] Cf. STURM, H. apud KERCKHOVE, D. 1995: p. 40.
[86] Cf. STURM, H. apud KERCKHOVE, D. 1995: p. 41.
[87] Cf. SLOPEK, E. R. apud KERCKHOVE, D. 1995: p. 41.

do que falta", termo criado por Hertha Sturm. O efeito deste colapso do intervalo é que,

> para conseguirmos criar sentido a partir da rapidez das imagens, devemos, de alguma forma, emular a acção com o nosso corpo. Tal como as crianças percebem melhor um novo conceito pelo gesto, seguimos a acção na TV com os nossos corpos e imitamos uma ou outra expressão para melhor a interpretarmos. A isto chamo o <<efeito de submuscularização>>[88].

O efeito de submuscularização, portanto, "é a interpretação do movimento e da ação por uma espécie de mímica sensomotora envolvendo todo o corpo"[89]. Isto quer dizer que, quando assistimos televisão, interpretamos os gestos, as posturas e as expressões como um tipo de reação submuscular que é visível na tensão e distensão dos músculos[90].

Agindo de forma cada vez mais fisiológica e impedidos de ter reações verbalizadas, somos vítimas fáceis das mensagens publicitárias[91]. E não são poucos, muito menos inofensivos, os efeitos destas mensagens, que, a partir do momento que não são percebidas conscientemente, passam a ser subliminares, o que aumenta seu grau de eficácia. Seria o caso de darmos crédito a um grupo de cidadãos de Vancouver que encomendou uma campanha publicitária televisiva com o se-

---

[88] KERCKHOVE, D. 1995: p. 42.
[89] Ibidem.
[90] Cf. KERCKHOVE, D. 1995: p. 42.
[91] Cf. STURM, H. apud Kerckhove, D. 1995: p. 42.

guinte conselho: "Esta imagem faz-lhe mal: pare de olhar agora!"[92].

De forma simplista, a publicidade já afeta a nossa saúde física. Pesquisas mostraram que a quantidade de televisão assistida está diretamente relacionada à obesidade em pessoas das mais variadas idades. Isto se deve à insistência de se propagar a compra de produtos alimentares não saudáveis e ao sedentarismo do próprio ato de ficar assistindo televisão em detrimento de qualquer outra atividade[93].

Esta publicidade é, até certo ponto, inofensiva. Ou como diz Wilson Bryan Key, elas parecem honestas e diretas, "o que você vê é o que você terá"[94]. Mas nada é tão simples assim. A indústria alimentícia norte-americana por exemplo, costuma usar técnicas subliminares na propaganda de seus produtos. O resultado são desordens nutricionais, como a bulimia, anorexia nervosa e obesidade, problemas que afligem cerca de quinze milhões de pessoas nos EUA[95]. Calcula-se que 50% da população norte-americana tenha excesso de peso. No caso masculino, este índice chega a 80%. Mas o que mais preocupa é o fato de a obesidade aumentar a incidência de problemas de pressão alta, diabetes, doenças cardíacas, artrite e certos tipos de câncer. Além disso, pessoas obesas têm maiores chances de sofrer acidentes e ferimentos por se-

[92] KERCKHOVE, D. 1995: p. 44.
[93] Cf. ACOSTA-ORJUELA, G. M. 1999: p. 33.
[94] KEY, W. B. 1996: p. 35.
[95] Cf. KEY, W. B. 1996: p. 79

rem menos capazes de proteger-se. Também têm mais dificuldades em respirar e dormir, sem esquecer que, por tudo isto, a expectativa de vida fica comprometida[96].

A propaganda subliminar encontra um terreno propício na televisão, uma vez que a mudança rápida de planos e cortes facilita os enxertos de imagens que não percebemos conscientemente devido ao tempo de apreensão das imagens que é insuficiente.

> Num anúncio televisivo de trinta segundos do molho de salada Wishbone, técnicas subliminares se combinam numa poderosa massagem mental. Significados subliminares são em geral escondidos em superposição de imagens – uma cena desaparece enquanto uma nova cena emerge. Informações subliminares são facilmente escondidas nesta transição[97].

E o que são estes enxertos? Representam imagens que envolvem temas geralmente relacionados a tabus sexuais, morte, apelo à homossexualidade latente, dilemas éticos, fantasias bizarras e sugestões de auto castração, auto destruição ou qualquer idéia inaceitável socialmente[98]. Estas imagens, percebidas inconscientemente, vendem produtos.

Percebemos conscientemente que os olhos e os demais órgãos dos sentidos captam algumas informações e ignoram outras, mas isto é apenas uma ilusão. Nossos órgãos do senti-

---

[96] Ibidem, p. 80.

[97] KEY, W. B. 1996: p. 200.

[98] Cf. KEY, W. B. 1996: p. 77.

do "funcionam meramente como mecanismos servis – transmitindo indiscriminadamente quantidades prodigiosas de dados ao cérebro"[99]. Somos muito suscetíveis aos conteúdos subliminares televisivos, e o nosso corpo sente o que não vemos.

> ... Numa percepção visual, apenas 1/1000 do total da percepção registrada pela mente emerge para a consciência. O restante permanece adormecido na memória. Os enxertos realçam a experiência perceptiva de uma imagem, intensificando reações como os batimentos cardíacos, operações cerebrais e reações galvânicas da epiderme[100].

O excesso de estímulos subliminares pode provocar mudanças permanentes em nossos sistemas orgânicos e seus complexos funcionamentos. A superestimulação de mecanismos fisiológicos de defesa pode modificar ou exaurir estes sistemas. Em alguns casos, mesmo após uma única exposição de conteúdo subliminar, as funções fisiológicas e o comportamento do telespectador podem ser afetados[101]. Além disso, o condicionamento do inconsciente humano, que pode ser feito pela tecnologia, como já foi dito, pode, num período relativamente curto de tempo, "reorganizar, modificar ou diminuir as predisposições hereditárias"[102].

Pesquisas médicas já concluíram que os estímulos subliminares são responsáveis pela maioria das doenças psicossomáticas, aquelas originárias na mente ou nos conflitos

---

[99] KEY, W. B. 1996: p. 86.
[100] Ibidem, p. 36.
[101] Cf. KEY, W. B. 1996: p. 77.
[102] KEY, W. B. 1996: p. 58.

mentais ou emocionais. Dentre as doenças psicossomáticas estão paranóia, fobias e outras síndromes relacionadas ao estresse, muitas das quais acabam resultando em colapsos fisiológicos. Isto acontece porque os estímulos conscientes e inconscientes iniciam alterações entre os processos mentais e corporais[103].

Os sistemas supra-renal-neural-cortical, que fazem a interconexão entre os órgãos, o cérebro e o sistema nervoso reagem aos estímulos subliminares. Estes sistemas orgânicos inter-relacionados são responsáveis pelas defesas mentais-corporais contra as ameaças de agressão.

> Quando um indivíduo se confronta com o perigo, as secreções de epinefrina estimulam a reação de medo do indivíduo e aumentam o alerta mental para o perigo (reação de fuga). As secreções de norepinefrina preparam o indivíduo para a ação, especialmente para a ação agressiva (reação de luta). Tanto as reações de *fuga* como as de *luta* podem ser acionadas pelos estímulos subliminares[104].

Além dos sistemas supra-renal-neural-cortical, também podem ser modificadas as funções homeostáticas, que é o modo como o corpo controla e regula os sistemas autônomos. Com isto, fica comprometido a regulagem dos batimentos cardíacos, da pressão e da circulação sangüínea, do suor ou da temperatura corporal e da expiração ou inspiração, que aumenta o nível do oxigênio no sangue[105].

---

[103] Ibidem.
[104] KEY, W. B. 1996: p. 78.
[105] Cf. KEY, W. B. 1996: p. 78.

As pessoas submetidas aos estímulos subliminares podem se tornar mais sensíveis e alertas devido às mudanças nos sistemas de ativação do cérebro[106]. Isto porque cada parte do cérebro está conectada às demais partes do cérebro e do corpo através de bilhões de redes microscópicas de neurô-nios. Sendo assim, os estímulos emocionais podem afetar o sistema imunológico e, conseqüentemente, a resistência de um indivíduo às doenças, deixando-o mais suscetível à infecções[107]. Existem dados que indicam diminuição da imunidade através da ação de corticóides liberados pela região cortical das supra-renais por estímulo hipofisiário.

Outras alterações corporais:

1) O fluxo sangüíneo pode ser desviado dos vasos periféricos e dos órgãos digestivos para os músculos e para o cérebro;
2) Os batimentos cardíacos podem se tornar mais rápidos para fornecer mais oxigênio aos músculos e ao cérebro e para aliviar as perdas corporais;
3) A coagulabilidade do sangue pode aumentar em resposta à ameaça de sangramento;
4) Os vasos sangüíneos periféricos podem se constringir para desviar sangue dos músculos e diminuir a perda de sangue no caso de ferimentos;

---

[106] Ibidem.

[107] Cf. KEY, W. B. 1996: p. 79.

5) O suor pode dissipar o calor gerado pela ativação dos músculos e tornar o corpo escorregadio;
6) As pupilas podem dilatar-se para aumentar a capacidade de visão no escuro ou tornar a aparência do indivíduo assustadora ou sexualmente estimulante;
7) O aumento do açúcar no sangue pode aumentar o volume do sangue, provocando o aumento da pressão arterial;
8) A respiração acelerada pode alterar as trocas de oxigênio-dióxido de carbono.
9) As mudanças estomacais e intestinais podem precipitar a evacuação ou a eliminação de urina;
10) Finalmente, a estimulação subliminar das secreções supra-renais medulares (ex: adrenalina) acionam a produção de hormônios pituitários que, por sua vez, estimulam o córtex das supra-renais a produzir corticóides, que diminuem a resposta imunitária[108].

É interessante fazer uma descrição mais detalhada de como o organismo reage às imagens televisivas, sejam elas de novelas, filmes de ação, programas de auditório ou mensagens publicitárias:

Tudo começa com a estimulação sensorial. Os órgãos dos sentidos como os olhos e ouvidos são mobilizados. É normal acharmos que a visão é o sentido mais mobilizado quando assistimos à TV, mas os demais sentidos têm a sua im-

[108] Cf. KEY, W. B. p. 78 e 9.

portância. O olhar nos dá o prazer estético e sacia o *voyeurismo*.

A audição é mobilizada, seja pela música envolvente ou pelo comercial. Até mesmo o silêncio excessivo nos chama a atenção quando estamos com a TV ligada mas não a vemos por estar fazendo outras atividades. Ficamos curiosos e vamos até o aparelho. Algumas emissoras, certamente, sabendo da estimulação sensorial da TV, são competentes ao estimular a audição. É o caso da Rede Globo com a vinheta *plim-plim* que chama o espectador para retornar à frente da tela após os comerciais. Outra vinheta interessante é a chamada da mesma emissora para o plantão jornalístico, que entra na grade de programação de acordo com a urgência da notícia e tem a capacidade de nos fazer correr para ver algo importante.

O paladar é muito explorado com os comerciais de comidas e bebidas. Cervejas "estupidamente" geladas, refrigerantes à espera de quem quer devorar a pizza com queijo derretido ou a pipoca pulando da panela são capazes de nos fazer salivar e, claro, comprar os respectivos produtos.

O olfato é estimulado, principalmente com os comerciais de perfumarias ou mesmo de alimentos. Nós não sentimos o cheiro, mas podemos imaginá-lo bem.

O tato começa a ser estimulado no momento em que ligamos o aparelho de TV e não paramos mais com a constante mudança de canais. É o *zapping*, a procura das imagens que

mais possam prender o olhar ao vídeo. A interatividade, cada vez mais presente na televisão, é outra maneira de incitar a participação do telespectador, que responde através de outros meios de comunicação como o telefone ou via e-mail.

Quando estes órgãos dos sentidos são estimulados eles transmitem impulsos nervosos através dos chamados neurônios sensoriais ao sistema nervoso central[109]. São os neurônios sensoriais que permitem a detecção de um estímulo, como a luz ou o calor[110].

Quando há a percepção de um estímulo, faz-se necessária uma resposta ativa envolvendo contração muscular. Estas respostas ativas se dão através de outros neurônios, os chamados neurônios motores, que transmitem impulsos aos músculos[111].

Mas, para que haja uma resposta, um estímulo sensorial traduzido em ação, ele precisa estar ligado aos neurônios motores e quem faz esta ligação no sistema nervoso central são os neurônios de associação[112].

Este processo descrito acima deveria acontecer satisfatoriamente quando assistimos à TV, mas como já foi dito, a televisão não nos dá tempo para o corpo responder adequadamente aos estímulos que são emitidos a todo instante. Desta

[109] Cf. CURTIS, H. 1977: p. 546.
[110] Cf. ALLEN, G. E., BAKER, J. J. W. 1975: p. 342.
[111] Ibidem, p. 343.
[112] Ibide.

forma, emulamos a ação com o nosso corpo, ou seja, não respondemos com uma reação muscular ativa, mas o sistema nervoso autônomo[113] processa todas estas informações recebidas e desencadeia uma série de reações orgânicas.

O sistema nervoso autônomo responde involuntariamente à qualquer estímulo. Sendo um componente do sistema nervoso central, ele é responsável pela realização de processos vitais involuntários[114] como o controle do músculo cardíaco, de glândulas e da musculatura lisa (o tipo de músculo encontrado nas paredes dos vasos sangüíneos e nos tractos digestivos, respiratório e reprodutor)[115].

O sistema nervoso autônomo tem duas divisões: o sistema simpático e o parassimpático. O sistema simpático é responsável pela liberação de hormônios, "mensageiros químicos que estabelecem comunicação entre as várias partes do corpo"[116]. Estes hormônios são liberados pelas glândulas endócrinas[117] diretamente na corrente sangüínea em resposta a determinados estímulos e produzem efeitos específicos em determinados tecidos e órgãos.

---

[113] O sistema nervoso é constituído pelo sistema nervoso central e sistema nervoso periférico. Dentro do sistema nervoso periférico há duas divisões: o sistema nervoso somático, constituído pelos neurônios sensoriais e motores, e o sistema nervoso autônomo.
[114] Cf. ALLEN, G. E., BAKER, J. J. W. 1975: p. 348.
[115] CURTIS, H. 1977. p. 547.
[116] Ibidem, p. 531.
[117] As glândulas são tecidos epiteliais especializados para a secreção. As glândulas endócrinas liberam as substâncias produzidas no sistema endócrino, que são os hormônios. Cf: CURTIS,H.1977.p.530.

A maior parte das terminações nervosas simpáticas liberam a adrenalina ou epinefrina[118], "o único hormônio cuja secreção é induzida diretamente por estimulação nervosa"[119]. A adrenalina é liberada na corrente sangüínea e distribuída por todo o corpo[120]. Em geral, esta substância auxilia o corpo a lidar com emergências e seus efeitos são rápidos e passageiros[121].

Um exemplo de como age a adrenalina:

Quando estamos irados ou com medo, há uma descarga simultânea a partir dos neurônios do sistema simpático. Alguns agem sobre a musculatura lisa dos vasos sangüíneos da pele, fazendo com que ela se contraia[122]. A vasoconstrição generalizada produz um aumento da pressão sangüínea[123], pois a contração aumenta o retorno de sangue ao coração. Alguns neurônios se responsabilizam pela estimulação do músculo cardíaco, fazendo-o bater mais rapidamente. Outros neurônios dilatam as artérias e o ritmo respiratório aumenta, proporcionando mais entrada de oxigênio para o consumo do corpo[124].

As pupilas se dilatam. Os músculos eretores dos pêlos contraem-se, o que pode ser um legado de nossos ancestrais

---

[118] Cf. CURTIS, H. 1977. p. 551.
[119] ALLEN, G. E., BAKER, J. J. W. 1975: p. 350.
[120] Cf. ALLEN, G. E., BAKER, J. J. W. 1975: p. 350.
[121] Cf. CURTIS, H. 1977. p. 537.
[122] Ibidem, p. 556.
[123] Ibide., p. 565.
[124] Ibide., p. 556.

peludos, que se pareciam maiores e mais furiosos com o pêlo eriçado. Mas, na verdade, isto relaciona-se com a produção de calor.

Cessa o movimento peristáltico dos intestinos e os músculos que fecham o intestino e a bexiga são contraídos[125]. As arteríolas que abastecem de sangue o estômago também são contraídas[126]. Tudo isto para aumentar a quantidade de sangue para os músculos que podem partir para a luta. Sem contar com outra fonte adicional de energia para os músculos que é a liberação de grande quantidade de glicose do fígado na corrente sangüínea[127]. Só que esta energia interfere também na temperatura corporal, já que o calor é fornecido pela quebra de glicose ou outras moléculas de energia dentro das células[128]. O corpo se prepara para a proteção, seja pela luta ou para a fuga.

Os efeitos da adrenalina, como já foi mencionado, são rápidos e passageiros. O hormônio é inativado três minutos depois de sua liberação, por uma enzima do fígado. A regulação final das funções do corpo são restauradas pelo sistema parassimpático, que "retarda os batimentos cardíacos, aumenta os movimentos da musculatura lisa e do intestino e estimula as secreções de glândula salivar"[129].

---

[125] Cf. CURTIS, H. 1977. p. 556.
[126] Cf. ALLEN, G. E., BAKER, J. J. W. 1975: p. 350.
[127] Cf. CURTIS, H. 1977: p. 556.
[128] Ibidem, p. 628.
[129] CURTIS, H. 1977: p. 556.

Todo este processo de reação do corpo parece complexo mas funciona em perfeita sintonia. Entretanto, esta estimulação tem acontecido rotineiramente, como alerta Wilson Bryan Key, em grande quantidade de anúncios publicitários. Além disso, parece que não é só em conteúdos de propaganda subliminar que sentimos nosso corpo reagir. Em filmes, novelas, talk shows, entre outros programas, também podemos precisar desenvolver uma resposta orgânica contra o que vemos. Pode ser uma cena de violência, uma cena de suspense ou terror, ou histórias de puro maniqueísmo tão comum em novelas.

O problema é que este fato pode exaurir os sistemas de defesa do organismo nos deixando mais alertas ao risco de agressão e suscetíveis a desordens orgânicas. Um exemplo é o estresse, mal que atinge boa parte dos indivíduos da sociedade da informação.

4. A VELOCIDADE COMO PROBLEMA

O excesso e a rapidez das informações que recebemos diariamente pela televisão estão se tornando menos uma utilidade que um problema. Para McLuhan, as crises de esgotamento nervoso e mental

> constituem o resultado, bastante comum, do desarraigamento e da inundação provocada pelas novas informações e pelas novas e infindáveis estruturas informacionais[130].

Dentre estas crises está o estresse. Como já foi discutido neste trabalho, a rapidez da montagem audiovisual impossibilita uma resposta mental adequada, fazendo com que o corpo responda por nós. Isto foi explicado pelos chamados "colapso do intervalo"[131], "síndrome do meio minuto que falta"[132] e "efeito de submuscularização"[133]. Mas há uma outra expressão interessante a ser elucidada: o chamado "sentido pressentido".

Eugene T. Gendlin define o sentido pressentido como " 'o equivalente a centenas de milhares de operações cognitivas' transformadas numa só pelo corpo em resposta a estímulos

---

[130] MCLUHAN, M. 1964: p. 31.

[131] Esta expressão foi criada por Edward Renouf Slopek e indica o fato de a televisão eliminar o efeito de distanciamento – intervalo entre estímulo e reação – e o tempo para processar a informação conscientemente. Cf. KERCKHOVE, D. 1997: p. 41.

[132] Termo cunhado por Hertha Sturm. Significa que a TV não dá o meio segundo suficiente ao cérebro para que ele dê uma resposta correta a um estímulo complexo. Cf. STURM, H. apud KERCKHOVE, D. 1997: p. 41.

[133] A submuscularização é um efeito do colapso do intervalo. Como não conseguimos responder conscientemente ao que assistimos, respondemos com movimentos musculares.

e isso numa fração de segundos”[134]. E o estresse nada mais é do que o armazenamento em nosso sistema neuromuscular dos efeitos relevantes dos acontecimentos em nosso ambiente mais próximo[135]. Selye desenvolveu a teoria da Síndrome Adaptativa Geral para demonstrar a forma como absorvemos as pressões diárias e como o nosso corpo nos ajuda a gerir o estresse organizando e armazenando a sua energia. Ele afirma que, embora tenhamos dificuldades em respirar quando estamos ansiosos ou coremos quando sentimos vergonha, o sentido pressentido costuma não ser consciente[136].

> O sentido pressentido precede a lógica e pode ser mais exaustivo que o pensamento. Conseqüentemente, o efeito profundo a televisão pode ocorrer ao nível do sentido pressentido, deixando pouco espaço para uma reação. A televisão provoca Reacções Orientadoras tecidas no nosso sistema neuromuscular[137].

Em resposta ao estresse, o corpo passa por três estágios:

1. Reações iniciais de alarme – o nível de anticorpos cai abaixo do normal;
2. O corpo mobiliza seus recursos para resistir;
3. Se o estresse não se reduz, ocorre a exaustão final e o nível de anticorpos cai muito abaixo do normal[138].

---

[134] GENDLIN, E. T. apud KERCKHOVE, D. 1997: p. 43.
[135] Cf. SELYE, H. apud KERCKHOVE, D. 1997: p. 43.
[136] Ibidem.
[137] SELYE, H. apud KERCKHOVE, D. 1997: p. 43.
[138] Cf. KEY, W. B. 1996: p. 224.

Estas constatações podem nos assustar mas, como já dizia McLuhan, "todas as tecnologias são extensões de nosso sistema físico e nervoso tendo em vista o aumento da energia e da velocidade"[139]. E "um aumento de força ou velocidade, em qualquer agrupamento, ... já é em si mesmo uma ruptura que provoca uma mudança de organização"[140]. O interessante é que todas as organizações, especialmente as biológicas, sempre lutam para se manter constantes em suas condições internas diante das variações dos choques e das mudanças externas[141].

> O ambiente produzido pelo homem como extensão de seu corpo responde às novas pressões e irritações lançando mão de novas extensões – sempre no esforço de manter energia permanente, constância, equilíbrio e *homeostase* [entendido como estratégia de domínio corporal] [142].

Desta forma, o nosso corpo e os nossos sentidos são obrigados a se deslocar para novas posições a fim de manter o equilíbrio[143]. Isto talvez possa explicar o fato de estarmos absorvendo as imagens televisivas mais com o nosso corpo do que com a nossa mente. Nosso organismo se adaptou a isto tentando manter o equilíbrio. E esta estratégia inconsciente é a comprovação da afirmação de McLuhan segundo a qual "todas as extensões tecnológicas de nós mesmos são subliminares, en-

---

[139] MCLUHAN, M. 1964: p. 109.
[140] Ibidem.
[141] Cf. MCLUHAN, M. 1964: p. 118.
[142] MCLUHAN, M. 1964: p. 118.
[143] Cf. MCLUHAN, M. 1964: p. 282.

torpecem, de outra forma, não suportaríamos a ação que uma tal extensão exerce sobre nós”[144].

Parece contraditório que o homem consiga criar tecnologias de ponta que sejam capazes de desorientá-lo tanto quanto proporcionam certas facilidades. Neil Postman tenta explicar esta questão com o que chama de tecnopólio.

Sucintamente, tecnopólio seria “a submissão de todas as formas de vida cultural à soberania técnica e da tecnologia”[145]. Nesta sociedade dominada pela técnica, as defesas contra o excesso de informação entram em colapso[146], mas as pessoas que nela vivem não têm consciência das origens e dos efeitos de suas tecnologias[147]. Costumam ser chamados tecnófilos “profetas de um olho só que vêem apenas o que as novas tecnologias podem fazer e são incapazes de imaginar o que elas irão *desfazer*”[148].

Esta é uma das ironias do homem ocidental: não ter a preocupação de que uma invenção pode vir a se tornar uma ameaça. E isto tem sido assim do alfabeto ao automóvel[149].

Entretanto, a velocidade de informação está no âmago da sociedade ocidental. Para McLuhan, como toda tecnologia mecânica do ocidente vinculou-se à eletricidade, ela conseqüen-

---

[144] MCLUHAN, M. 1964: p. 339.
[145] POSTMAN, N. 1994: p. 61.
[146] Cf. POSTMAN, N. 1994: p. 80.
[147] Ibidem, p. 144.
[148] POSTMAN, N. 1994: p. 15.
[149] Cf. MCLUHAN, M. 1964: p. 303.

temente, foi conduzida a velocidades sempre maiores[150]. Hoje, isto pode ser facilmente verificado em nosso ambiente global. Para Kerckhove, a instantaneidade, uma função da globalização, está impondo uma aceleração em todas as sociedades humanas. O alcance e o *feedback* instantâneos nos tornam "nômades electrónicos": somos colocados em contato com qualquer ponto do globo de onde recolhemos informação instantaneamente[151]. Este homem globalizado talvez seja aquele que McLuhan designou como homem "coletor de informação", fazendo uma analogia com o homem-coletor de comida. Para o autor "o homem eletrônico não é menos nômade do que seus ancestrais paleolíticos"[152].

O globo não passará de uma aldeia com a tecnologia elétrica instantânea[153].

> Vivemos hoje na Era da Informação e da Comunicação, porque os meios eletrônicos criam, instantânea e constantemente, um campo total de eventos integrantes do qual todos os homens participam. Ora, o mundo da interação pública tem o mesmo escopo inclusivo do inter-relacionamento integral, que, até agora, fora apenas característica de nosso sistema nervoso particular (...) A simultaneidade da comunicação elétrica – também característica de nosso sistema nervoso – torna cada um de nós presente e acessível a qualquer pessoa. Em larga medida, a nossa co-presença em toda parte e ao mesmo tempo constitui um fato de experiência antes passivo do que ativo, na era da eletricidade. Ativamente falando, temos maior possibilidade de perceber isto durante a leitura de um jornal ou enquanto assistimos um *show* de TV[154].

---

[150] Cf. MCLUHAN, M. 1964: p. 287.
[151] Cf. KERCKHOVE, D. 1997: p. 244 e 5.
[152] MCLUHAN, H. M. 1964: p. 318.
[153] Cf. MCLUHAN, M. 1964: p. 386.
[154] MCLUHAN, M. 1964: p. 278 e 9.

Esta comparação entre as características da televisão (velocidade, instantaneidade, interatividade) e o nosso sistema nervoso é mais um indício de que a televisão fala ao nosso corpo.

> A tecnologia elétrica se relaciona diretamente com nosso sistema nervoso central, de modo que é ridículo falar do 'que o público quer', brincando com seus próprios nervos[155].

A simplificação e aceleração dos conteúdos informacionais, apesar de peculiar à sociedade contemporânea, é, na verdade, um processo que vem desde a Antigüidade. A simplificação dos caracteres escritos tendia a fazer o tempo de leitura tão intensivo quanto o tempo da fala e teve origem nas necessidades táticas de conquista militar, no campo de batalha, "campo de recepção ocasional, espaço privilegiado da visão dos cavaleiros, dos estímulos rápidos, dos *slogans* e outros logotipos guerreiros"[156].

As ações guerreiras tendem a organizar distâncias e, à distância, as ordens e falas são transmitidas por instrumentos de grande porte, que muitas vezes costumam ser inaudíveis em meio a gritos de combatentes e ruídos de armas.

Do início do século XVII até meados do século XIX, não foi introduzida nenhuma tecnologia importante capaz de alte-

---

[155] MCLUHAN, M. 1964: p. 88.

[156] VIRILIO, P. 1994: p. 20.

rar a forma, o volume ou a velocidade da informação no mundo ocidental[157]. Mas, em meados do século XIX, a relação informação, razão e utilidade começa a se perder com a invenção do telégrafo. A informação é transformada em mercadoria[158].

A quantidade de informação disponível por meio de palavras e imagens cresceu exponencialmente no início do século XX.

> Agora era a informação que rejeitava a necessidade de uma interconexão; ela procedia sem contexto, argumentava a favor da urgência contra a continuidade histórica e oferecia o fascínio em lugar da complexidade e da coerência. E, então, com a cultura ocidental ofegante, ocorreu o quarto estágio da revolução da informação, a radiodifusão[159].

Com a multiplicação das próteses visuais e audiovisuais, que usam materiais de transmissão instantânea,

> assiste-se ... a uma codificação das imagens mentais cada vez mais elaboradas, com a redução do tempo de retenção e sem grande recuperação ulterior, uma rápida derrocada da consolidação mnésica [relativo à memória][160].

Toda apreensão visual é simultaneamente uma apreensão de tempo. E, por mais ínfima que seja esta apreensão, o tempo de exposição engendra uma memorização, consciente ou não, de acordo com a velocidade das apreensões visuais. Um foto-

---

[157] Cf. POSTMAN, N. 1994: p. 74.
[158] Ibidem, p. 75 e 6.
[159] POSTMAN, N. 1994: p. 77.
[160] VIRILIO, P. 1994: p. 22.

grama ou videograma que ultrapassa sessenta imagens por segundo irá ter efeitos subliminares[161].

Para Ignácio Ramonet, nos encontramos numa virada da história da informação. A televisão, no seio da mídia desde a Guerra do Golfo em 1991, assumiu o poder. Para ele, é a televisão que dita as ordens, obrigando todos os outros meios, em especial a imprensa escrita, a seguí-la[162].

Mas a televisão assim se impôs também pelo fato de ter se tornado um meio de informação mais rápido que os demais, tecnologicamente apta a transmitir imagens instantaneamente, à velocidade da luz, desde o fim dos anos 80, pelos sinais de satélite[163].

Já para Sérgio Kulpas, o efeito narcótico da mídia atingiu potência hipnótica antes mesmo da Segunda Guerra Mundial. Ele afirma que, desde então, "o ser humano da América do Norte tem sido empurrado a viver numa velocidade muito maior do que seria normal para o organismo humano"[164].

Mesmo assim, continuamos vivendo em uma sociedade soterrada por informação. Nunca houve tantos dados sendo transmitidos por tantos meios ao mesmo tempo[165]. Para Robert Kurz, as pessoas na faixa de 40 anos estão tecnológica-comu-

[161] Paul Virilio propõem acrescentar ao estudo da física energética um outro aspecto. Além da energia potencial e cinética, outra energia, a *cinemática*, já pode ser falada. Ela seria resultado do efeito do movimento e de sua maior rapidez sobre as percepções oculares, ópticas e óptico eletrônicas. Cf. VIRILIO, P. 1994: p. 89.
[162] Cf. RAMONET, I. 1999: p. 26.
[163] Ibidem.
[164] KULPAS, S. 2000: p. 25.
[165] Cf. KURZ, R. 2002: p. 14.

nicativamente armadas até os dentes, sendo as telas e *displays* quase partes do corpo e órgãos sensoriais[166]. Talvez isto se explique pelo fato do mundo ter produzido, em trinta anos, mais informação do que nos cinco mil anos anteriores[167]. As estimativas conservadoras calculam que a média dos americanos irão assistir a pelo menos dois milhões de comerciais até os 65 anos. Se somarmos o número de comerciais de rádios, jornais, revistas e *outdoors*, a quantidade de símbolos assimilados não tem precedente na história humana[168].

O problema é que a informação passou a fazer parte do assim chamado "lixo cultural", pouco útil para direcionar e solucionar problemas humanos.

> Somos uma cultura que se consome em informação, e muitos de nós nem se perguntam como controlar esse processo. Agimos com a suposição de que a informação é nossa amiga, acreditando que as culturas podem sofrer muito com a falta de informação, e, claro, sofrem. Só agora se começa a compreender que as culturas também podem sofrer muito com o excesso de informação, informação sem sentido, informação sem mecanismos de controle[169].

Para Virilio, hoje, o que dá valor a uma notícia é a sua velocidade, a rapidez de sua difusão[170]. Daí o sucesso da televisão. Seu território não conhece fronteiras e superou as limitações do espaço convencional. "O território televisivo é definitivamente um território temporal, porque

---

[166] Cf. KURZ, R. 2002: p. 14.
[167] Cf. RAMONET, I. 1999: p. 128.
[168] Cf. POSTMAN, N. 1994: p. 177.
[169] POSTMAN, N. 1994: p. 78.
[170] Cf. VIRILIO, P. 1996: p. 122.

não tem obstáculos espaciais"[171]. A partir de um ponto fixo, o redator tecnológico televisivo produz imagens que são difundidas instantaneamente para qualquer ponto do planeta[172].

A TV manipula o tempo e o espaço com os quais a nossa percepção está habituada. Isto é possível através da forma com que as imagens são montadas. *Zoom*, *replay*[173] e cortes fazem com que o espectador construa mentalmente espaços e tempos físicos[174].

Mas, como disse o neurobiologista, Didier Vincent, "o cérebro não gosta de tédio, logo ele cria rupturas[175]" como a busca de situações limite. Talvez por isso, as mensagens televisivas tenham movimentos de câmera e ritmos de sucessão de planos cada vez mais trepidantes[176].

Morris Wolfe criou o conceito de "sacudidelas por minuto" ou SPM para mostrar a forma como a TV nos atinge. Para Wolfe, há um número crítico de cortes necessários para impedir que o espectador adormeça ou mude de canal. "A TV tem de fazer *zap* ao zapador antes que ele ou ela faça *zap* ao ca-

---

[171] SANTOS, J. A. 2000: p. 71.
[172] Cf. SANTOS, J. A. 2000: p. 71.
[173] Para João de Almeida Santos, a televisão funciona como um sétimo sentido que age por nós e fora do nosso corpo. Ela tem capacidades infinitamente superiores ao nosso olhar orgânico. Um exemplo é a ampliação de fatos e a sua permanente repetição. É o caso do jogo de futebol que assistimos em um campo. Quando é marcado um gol costumamos ficar esperando, imediatamente, a repetição da jogada. Isto se dá porque o hábito televisivo já está interiorizado e o nosso comportamento perceptivo condicionado por uma espécie de preguiça sensorial que debilita a atenção. Cf. SANTOS, J. A. 2000: p. 63.
[174] Cf. FERRÉS, J. 1998: p. 261.
[175] VINCENT, D. apud VIRILIO, P. 1996: p. 84.
[176] Cf. VIRILIO, P. 1996: p. 84.

nal”[177]. A SPM prende a atenção do espectador e impede respostas cognitivas completas.

> O espectador assíduo[178], submerso habitualmente neste redemoinho de estímulos, habitua-se a eles e acaba achando monótono tudo aquilo que seja abstrato e estático, tudo aquilo que não envolva uma hiperestimulação sensorial. Acaba precisando desta hiperestimulação para sentir-se vivo e gratificado[179].

Para Muniz Sodré, a própria continuidade das imagens de televisão, análogas de certa forma ao fluxo da consciência humana, arrebata visivelmente o espectador. Isto significa que as pessoas vêem TV, antes de verem o que está na TV. A tendência é a dispersão da atenção do espectador e não a estruturação[180].

Cabe, aqui, mais uma vez as designações de *Homo videns* e *Homo Zappiens* de João de Almeida Santos. Para ele, o *Homo videns* é o homem que abunda hoje no universo da cultura televisiva. “Ele conecta muitas opiniões, muitas imagens, muitos factos,...muitos fragmentos de saber. Só que este contacto é um contacto visual caótico[181]”.

Mas, agora, já podemos falar no *Homo Zapping*, a agudização de uma característica essencial do *Homo videns,* ou seja, “a velocidade seqüencial das imagens, que tende a gerar

---

[177] WOLFE, M. apud KERCKHOVE, D. 1997: p. 42.
[178] Os usuários assíduos seriam aqueles que assistem 35 horas semanais ou mais de TV. Os usuários leves, aqueles que ficam menos de 20 horas semanais diante da TV. Cf. BARWISE, EHRENBERG e GOODHARDT apud ACOSTA-ORJUELA, G. M. 1999: p. 55.
[179] FERRÉS, J. 1998: p. 260.
[180] Cf. SODRÉ, M. 1984: p. 59.
[181] SANTOS, J. A. 2000: p. 22.

cegueira e esquecimento, que tende a petrificar"[182]. Ele alimenta-se de imagens e vive no interior de uma cultura de *voyeurismo* eletrônico.

> O *Homo Zappiens* (...) é televisivamente hiperativo: não se fixa numa imagem até o fim. Corre, com ansiedade, à procura da imagem total, (...) que o fascine (...). Fá-lo não por estratégia racionalmente programada, mas por uma espécie de agitação patológica perante a imagem electrónica, por ansiedade, por empatia com o próprio ritmo frenético do mecanismo televisivo. Trata-se de uma agitação psicomotora algo confusa, motivada pela absorção rápida e permanente de seqüências de imagens. (...) o *Homo Zappiens* interiorizou o tempo televisivo: rápido e seqüencial[183].

A aceleração excessiva tende a gerar cegueira e esquecimento. Falta distanciamento crítico, pausa reflexiva, exercício analítico e memória[184].

> O homem contemporâneo é 'um homem superexitado', pois precisa acompanhar, no ritmo intenso ditado pelos meios tecnológicos, a multiplicidade de estímulos e informações a que se vê submetido. Para enfrentar a aceleração, é preciso mover-se mais pelo reflexo do que pela reflexão[185].

Um bom exemplo disto são os telejornais. Mesmo sendo digno de crédito, o conteúdo é pouco assimilado, levando-se em conta a totalidade do que foi noticiado. Alguns minutos após o noticiário pouca coisa é lembrada. Segundo a descrição de Kerckhove, "a maior parte do que aparece nos noticiários ou documentários é pré-digerido e apresentado num forma-

[182] SANTOS, J. A. 2000: p. 24.
[183] Ibidem, p. 15.
[184] Cf. SANTOS, J. A. 2000: p. 42.
[185] VIRILIO, P. apud LOBO, F., TONELLI, M. J. 2001: p. 62.

to estereotipado para uma dentada rápida, como *fast food*"[186]. Ao favorecer o reconhecimento, pois quando se vê tende-se já a acreditar, a TV impede o conhecimento. Quando termina o telejornal, parece que tudo sabemos porque tudo vemos[187]. O pior é que muita gente ainda acredita que à hora do noticiário não é preciso se sentir culpado por ver televisão, pois estamos a cumprir nosso dever de cidadãos[188].

Para Ignácio Ramonet vivemos uma nova forma de censura. É a chamada "censura democrática" que em oposição à censura autocrática, não se fundamenta na supressão e no corte de informações, mais na acumulação, no excesso, na saturação e na superabundância de informações[189].

Para explicar "a ignorância da sociedade do conhecimento", Robert Kurz recorreu ao fisiologista Ivan Petrivitch Pavlov, que no começo do século XX, descobriu o chamado reflexo condicionado. Um reflexo é uma reação automática a um estímulo externo. Já um reflexo condicionado ou motivado baseia-se no fato de que esta reação também pode se desencadear por um sinal secundário apreendido, que esteja relacionado ao estímulo original. Pavlov associou o reflexo salivar, que é inato aos cães, com a visão da ração por meio de um sino e

---

[186] Cf. KERCKHOVE, D. 1997: p. 49.
[187] Cf. SANTOS, J. A. 2000: p. 58 e 9.
[188] Cf. KERCKHOVE, D. 1997: p. 171.
[189] Cf. RAMONET, I. 1999: p. 28 e 9.

pôde desencadear um reflexo também ao utilizar o sino separadamente[190].

Vale ressaltar, que várias áreas de estudo da vida humana têm sido enriquecidas com a observação científica de outras criaturas vivas. Por isto, não devemos nos assustar quando o homem se volta para os animais, tentando entender a extensão e variedade de suas próprias formas de comunicação[191].

Kurz faz esta analogia com a experiência de Pavlov para concluir que a vida social e intelectual na sociedade da informação está sendo levada para o mesmo caminho de comportamento correspondente ao sistema de reflexos condicionados:

> estamos sendo reduzidos àquilo que temos em comum com cães, pois o esquema de estímulo-reação dos reflexos tem tudo a ver com o conceito de informação e "inteligência" da cibernética e da informática. O conjunto de nossas ações na vida é cada vez mais monitorado por dígitos (...) e sinais de todo tipo[192].

Para o autor, este conhecimento de sinais não é conhecimento algum, pois um mero reflexo não é uma reflexão intelectual, mas seu exato contrário[193].

Portanto, a sociedade de informação produz "conhecimento" inútil e pouco nos ajuda a refletir sobre nosso bem-estar. Os próprios meios de comunicação se auto estimulam,

---

[190] Cf. KURZ, R. 2002: p. 14.
[191] Cf. RECTOR, M., TRINTA, A. R. 1995: p. 65.
[192] KURZ, R. 2002: p. 15.
[193] Cf. KURZ, R. 2002: p. 15.

multiplicando cada vez mais as ofertas, e se arrastam para a superinformação[194]. Entretanto,

> nossos sentidos não percebem nada de extremo. Barulho demais nos ensurdece. Luz demais nos ofusca. As quantidades extremas nos são inimigas. Não sentimos mais, sofremos[195].

De acordo com Zbifiniew Lipowski, a sobrecarga sensorial mostra um problema crucial e de saúde pública que merece atenção como as questões da superpopulação, da poluição e do esgotamento de riquezas naturais[196].

Eis alguns graves problemas:

- A dependência inquientante dos midiatizados:

Em maio de 1992, pesquisa realizada na França e publicada pela revista "Santé magazine" revelou que 43% das pessoas consultadas dificilmente conseguiriam ser privados de seus aparelhos de TV[197].

Em outra pesquisa, as pessoas privadas de ver TV mostraram reações semelhantes às que os dependentes de droga ou álcool experimentam quando estas substâncias lhes são negadas[198].

O melhor exemplo desta dependência é a dificuldade de se encontrar pessoas dispostas a deixar de ver televisão para participar de pesquisas mesmo recebendo dinheiro. Diante

---

[194] Cf. RAMONET, I. 1999: p. 21.
[195] PASCAL apud VIRILIO. 1996: p. 114.
[196] BABIN, P., MCLUHAN, M. apud FERRÉZ, J. 1998: p. 260.
[197] Cf. VIRILIO, P. 1996: p. 60.
[198] Cf. ACOSTA-ORJUELA. G. M. 1999: p. 68.

disso, os pesquisadores norte-americanos realizaram seus estudos com espectadores que ficaram sem seus aparelhos devido a roubo ou defeito técnico. Os pesquisados pertenciam a várias classes sociais, origens étnicas, níveis de escolaridade e faixas etárias.

Entre os entrevistados, 8% das famílias experimentaram níveis extremos de depressão e melancolia, além de perda de interesse por outras pessoas e senso interno de perda. Outras reações observadas foram alterações na atividade sexual, distúrbios de sono, instabilidade e desconforto[199].

Recentemente, a revista "Scientific American", uma das maiores publicações de divulgação científica do mundo, trouxe o estudo de Robert Kubey institulado "Vício em televisão não é mera metáfora". Seguindo a linha mcluhiana, Kubey afirma que o próprio televisor é o agente de dependência psíquica. Suas pesquisas concluíram que 10% dos adultos norte-americanos se assumiram como viciados em TV. São pessoas que ligam a televisão, imediatamente, quando chegam em casa, sentem necessidade de ficar com o aparelho ligado enquanto fazem outras atividades e só conseguem dormir com o televisor acesso[200].

Outro aspecto importante é o relato da sensação de "esvaziamento emocional" que algumas pessoas sentem ao desligar

---

[199] Cf. ACOSTA-ORJUELA. G. M. 1999: p. 69 e 70.

[200] Cf. KUBEY, R. apud MENEZES, C. 2002: p. 14 e 5.

o aparelho. Para alguns, a televisão "rouba", também, a energia. O vazio é, portanto, físico e psicológico. Várias pessoas relatam a impossibilidade de fazer qualquer coisa após assistirem à televisão.

O suporte biológico destas pesquisas está no fato de os seres humanos serem impulsionados ou motivados por centros cerebrais de prazer, que nos move a uma busca contínua de estimulação. E as pessoa buscam na TV novidades, mudanças e sensações que possam responder às suas necessidades de estimulação que induzam a estados de ativação[201].

- Mal-estar físico

A mesma pesquisa de 1992 publicada na revista "Santé magazine" revelou que 64% dos telespectadores disseram ter sentido mal-estar físico depois de terem assistido TV. O próximo capítulo irá trazer um bom exemplo deste tipo de problema.

- Patologias visuais

Estudos realizados nos Estados Unidos e Canadá demonstraram o tipo de afecções que podem ser causadas pela passagem de imagens em grande velocidade ou velocidade variável diante de pessoas com tendências disléxicas[202]. A dislexia é

[201] Cf. DONOHEN, L., PALMGREEN, P., RAYBURN, J. apud ACOSTA-ORJUELA. G. M. 1999: p. 60.
[202] Cf. VIRILIO, P. 1996: p. 67.

uma dificuldade na aprendizagem através da leitura que se caracteriza pela confusão e inversão de certas letras.
Em geral estas pessoas irão ver apenas uma imagem entre as duas oferecidas normalmente à estereoscopia da visão natural.

Dimensões, volume, percepção de espaço encontram-se lesados em benefício da interpretação de cores e contornos. Só que, submetidos à altíssimas velocidades de passagem, até mesmo estas características não conseguiram ser percebidas. O espectador não via mais nada. Com isto, verifica-se que a dislexia não é apenas um defeito do centro da linguagem, do relevo social da comunicação. Ela pode afetar a distinção entre o real e as imagens que dele produzimos[203].

5. AS CRIANÇAS COMO VÍTIMAS

> O círculo familiar se ampliou. O fundo mundial de informações gerado pelos meios elétricos (...) supera de muito qualquer possível influência que mamãe ou papai possam exercer.
> MARSHALL MCLUHAN.

[203] Ibidem.

Se nós adultos já sofremos com os efeitos da TV em nosso organismo, o que, afinal, acontece com nossas crianças?

Um caso exemplar foi verificado no Japão em 1997. Enquanto milhões de crianças, jovens e até adultos assistiam ao desenho *Pokemon*, um estranho efeito foi sentido por muitos. Doze mil pessoas passaram mal e mais de 700 foram internadas nos hospitais japoneses com quadro convulsivo, falta de ar, náuseas, tonturas, desmaios e irritações nos olhos. Algumas chegaram a vomitar sangue. No dia seguinte, 200 crianças, adolescentes e até uma mulher de 58 anos permaneceram hospitalizadas com sintomas epilépticos.

Visivelmente inofensivo, o desenho tinha como protagonista um monstrinho simpático chamado Pikachu, algo como um híbrido de esquilo e gato que tem poderes de emitir raios com os olhos. Em uma das batalhas travadas pelo personagem, com duração de apenas cinco segundos, os telespectadores foram submetidos a raios luminosos, explosões, bombardeio de cores e luzes potentes que piscavam freneticamente. O resultado foi "o mais assustador e improvável surto já registrado de uma doença pouco conhecida, a epilepsia fotossensível"[204].

Desde a década de 50, já se sabe que luzes muito intensas podem provocar convulsões. A epilepsia fotossensível é uma doença da família das epilepsias reflexas, mas pouco tem a ver com a epilepsia comum, que é imprevisível. As crises

[204] PASTORE, K. 1997: p. 20.

de epilepsia reflexa são causadas por estímulos externos, que podem ser conhecidos e evitados. As convulsões podem ser desencadeadas por imagens, assim como pelo que se ouve, como um som ensurdecedor, ou pelo que se sente, como um tapa. Esta doença revela-se apenas na hora do ataque[205].

O desenho japonês causou tantos problemas porque as luzes, além de muito fortes, se acendiam e apagavam em intervalos superiores a vinte vezes por segundo. Devido a este ritmo frenético, as crianças propensas ao ataque ficaram com duas regiões do cérebro desorientadas, a que cuida do registro das imagens e a responsável pelo processamento de informações. As crianças são mais suscetíveis aos ataques porque o cérebro ainda não está completamente amadurecido[206].

O diretor do programa alegou que deveria ter acontecido algum problema técnico. A TV indenizou algumas vítimas, mas divulgou que continuaria a exibir o programa, desta vez alertando que ele poderia provocar reações epilépticas, náuseas e desmaios[207].

O caso não foi o primeiro em que a TV causou problemas a crianças, mas nunca tanta gente foi vitimada. Imediatamente, os pedagogos japoneses voltaram a discutir com mais força os efeitos da televisão sobre a infância. Eles alertaram que o enredo dos desenhos animados está cada dia mais complicado,

---

[205] Cf. Ibidem, p. 20.
[206] Cf. Ibide., p. 21.
[207] Cf. ACOSTA-ORJUELA, G. A. 1999: p. 33.

exigindo que as crianças não desgrudem os olhos da tela[208]. E os japoneses não estão sozinhos na discussão. A ONU, em convenção sobre os Direitos da Criança, em 1989, já previa uma série de princípios que dizem respeito à criança e à mídia. O artigo 17 da convenção trata da necessidade de "encorajar o desenvolvimento de orientações apropriadas para proteger a criança de informações e materiais prejudiciais ao seu bem-estar"[209]. A legislação italiana determina que as emissoras privadas devem se empenhar em realizar, juntamente com especialistas qualificados, programas para crianças e jovens que respeitem as exigências e a sensibilidade da primeira infância e da idade evolutiva[210].

Mas a superestimulação televisiva, com mudanças rápidas de tomadas, música pesada e outras técnicas que visam prender a atenção dos telespectadores estão sendo usadas indiscriminadamente. E quanto mais tempo crianças e jovens assistem à TV, menores são os índices de bem-estar físico, psicológico e social[211]. O excesso de apelo publicitário, por exemplo, pode fazer as crianças experimentarem sentimentos de depressão, frustração e raiva, diante a recusa dos pais em lhes dar tais produtos[212]. Sabendo disto, algumas TVs como a alemã e a

---

[208] Cf. PASTORE, K. 1997: p. 21.
[209] COVENÇÃO da ONU sobre os Direitos da Criança apud ALBUQUERQUE, F., ANDREIS, C., KIELING, C. et al. 2001.
[210] Cf. ALBUQUERQUE, F., ANDREIS, C., KIELING, C. et al. 2001.
[211] Cf. TUCKER, L. apud ACOSTA-ORJUELA, G. A. 1999: p. 32.
[212] Cf. ATKIN, C. apud PALMER, E., DOOR, A. apud ACOSTA-ORJUELA. G. M. 1999: p. 32.

italiana proíbem a inserção de publicidade nos intervalos de qualquer programa infantil[213].

Nos Estados Unidos e Canadá, os responsáveis pela saúde pública, principalmente epidemiologistas e pediatras diagnosticam uma "patologia televisual" que diz respeito às crianças e às populações desfavorecidas, ditas de 'risco'. Segundo esta concepção, o abuso da televisão provocaria fenômenos mórbidos, como

> obesidade ou anorexia nervosa, atividade cerebral prejudicada, problemas profundos de linguagem, impossibilidade de se orientar no espaço real, agressividade, alcoolismo, drogas[214].

Mesmo assim, o tempo que as pessoas dispensam diante da TV não pára de crescer em todo o mundo. Isto acontece em todas as idades mas é um fenômeno mais intenso na infância e velhice. As pesquisas indicam que crianças e jovens de estratos sociais mais baixos, além daqueles pertencentes a minorias étnicas são os que mais assistem TV. Para se ter uma idéia, com 17 anos, um adolescente médio já terá passado sete anos de sua vida diante da TV[215].

As crianças americanas assistem, em média, quatro horas de televisão por dia. Na Europa, este índice cai para pouco mais de três horas. Mesmo assim, na França, a TV é a distração favorita para 75% das crianças. Na Espanha, o índice de

---

[213] Cf: ALBUQUERQUE, F., ANDREIS, C., KIELING, C. et al. 2001.
[214] VIRILIO, P. 1996: p. 60.
[215] Cf. BENNETT, S., BENNETT, R. apud ACOSTA-ORJUELA, G. A. 1999: p. 42.

crianças entre quatro e dez anos que assistem TV diariamente é de 96%[216].

A televisão também provoca modificações sensoriais profundas em seus espectadores. McLuhan teria verificado e demonstrado que um dos efeitos da televisão é a desmobilização dos músculos dos olhos. Isto faz com que a criança da televisão, simplesmente, não consiga mais ler, pois perde, por falta de uso, o adestramento dos músculos necessários[217].

Com o aparecimento da televisão, as crianças aprenderam a ler com os olhos a apenas 15 centímetros da folha. Elas tentam levar para a página a envolvência sensória que encontram na TV. Prestam atenção, investigam, inquietam-se. Lançam na palavra impressa todos os seus sentidos, mas a leitura envolve mais a faculdade visual e não a sensorialidade unificada. Inutilmente, estas crianças tentam ler em profundidade[218].

Herbert Krugman vai além ao afirmar que as crianças criadas em frente à televisão não olhariam as coisas de forma normal. Ao invés de usar os olhos seqüencialmente, como se tivessem sido treinadas pela escrita, elas lançariam "olhadelas rápidas". Desta forma, a TV estaria ensinando as crianças a "aprender a aprender", muitas vezes antes de saberem falar ou terem visto um livro.

---

[216] Cf. OLMOS, A. apud FONSECA, C. 1999: p. 55.
[217] Cf. MCLUHAN, M. apud FERRÉS, J. 1998: p. 260.
[218] Cf. MCLUHAN, M. 1964: p. 346.

> Mais tarde, se a criança está numa sociedade onde a leitura é necessária, confronta o novo meio de 'aprender a aprender' com o hábito adquirido por via da televisão. Tenta compreender a palavra impressa através de olhadelas rápidas. Não funciona, aprender a ler é um processo difícil, duro e – o que pode ser uma surpresa – algo que é em muitos casos intolerável[219].

De fato, quando olhamos crianças lendo, elas aparentam não percorrer o texto com movimentos consecutivos. "Elas parecem dar olhadelas rápidas, por várias vezes, como se estivessem a reunir imagens para dar sentido à página"[220].

Para McLuhan, os jovens que já tiveram mais de uma década de televisão estão

> impregnados da urgência de envolvimento em profundidade, que faz com que as remotas metas visualizáveis da cultura tradicional pareçam não apenas irreais, mas também sem importância,(...) pobres e anêmicas[221].

Esta multissensorialidade e este envolvimento em profundidade exigidos pela televisão também fazem com que as crianças que passam mais tempo diante da TV não consigam se manter calmas por alguns minutos que sejam. Se colocadas diante de crianças que ficam menos tempo assistindo à TV, elas provavelmente se comportarão de forma agressiva e inquieta[222].

> A geração da televisão é um bando severo. É muito mais séria que as crianças de qualquer outro período – quando eram mais frívolas, mais caprichosas. A criança da televisão é mais enérgica, mais delicada[223].

---

[219] KRUGMAN, H. apud KERCKHOVE, D. 1997: p. 47.
[220] KERCKHOVE, D. 1997: p. 47.
[221] MCLUHAN, M. 1964: p. 377.
[222] Cf. ACOSTA-ORJUELA, G. M. 1999: p. 52.
[223] MCLUHAN, M. 1969: p. 154.

Jarry Mander, no livro *Quatro argumentos para acabar com a televisão*, já havia afirmado que a distorção da esfera sensorial, a supressão e substituição da imagética criativa do ser humano e a hiperatividade são algumas das dimensões negativas da TV[224].

Para ele, a hiperatividade deriva do fato de a televisão estimular e, simultaneamente, reprimir a ação. Mas talvez isto não seja de todo ruim. O envolvimento e a curiosidade das crianças provocados pela televisão podem ser para nós uma maneira de compreender esta mudança e explorar a sua riqueza pedagógica. "A criança-TV aspira por um envolvimento e não por um *trabalho* especializado no futuro. Ela quer um *papel* e um profundo compromisso com sua sociedade"[225], já dizia McLuhan na década de 60. Na mesma época ele também afirmava que as instituições educacionais precisavam compreender, urgentemente, o que acontecia. A sala de aula enfrentava uma disputa vital com os novos meios de informação. Para ele, a educação deveria buscar a descoberta, a sondagem, a exploração e o reconhecimento da linguagem das formas[226].

Quando a televisão apareceu, os psicólogos e pedagogos tiveram a preocupação de fazer dela uma ferramenta de ensino,

---

[224] Cf. MANDER, J. apud SANTOS, J. A. 2000: p. 122.
[225] MCLUHAN, M. 1964: p. 377.
[226] Cf. Ibidem, 1969: p. 128.

uma fonte de valores sociais construtivos e, até mesmo, um propulsor do desenvolvimento de países mais pobres[227]. Paradoxalmente, o que levou os cientistas a acreditarem que a televisão poderia ser usada para fins produtivos foi a comprovação dos efeitos da violência retratados na tela sobre o comportamento das pessoas. Isto provocou uma busca por técnicas, estratégias e recursos para desenvolver este potencial que pode ser positivo na TV[228]. A televisão pode direcionar a curiosidade e ativar o interesse a respeito dos temas apresentados. Por isto, as crianças com altas habilidades cognitivas assistem tanta televisão[229].

As apresentações audiovisuais têm a capacidade de atrair e manter a atenção dos espectadores enquanto mostram de forma sintética, rápida e precisa uma grande quantidade de informações difíceis de serem transmitidas de outra forma. "São estes e outros princípios senso-perceptivos básicos que explicam em parte o enorme potencial pedagógico da TV"[230].

A TV faz tanto sentido às crianças menores porque se dirige ao nosso corpo[231]. A criança pequena capta, assimila e reproduz as informações fisionômicas de sua mãe. Se esta move os lábios ou a língua de um certo modo, o neném a imita.

---

[227] Cf. ACOSTA-ORJUELA, G. M. 1999: p. 165.
[228] Cf. LIEBERT, R., NEALE, J., DAVIDSON, E. apud ACOSTA-ORJUELA, G. M. 1999: p. 166.
[229] Cf. COMSTOCK, PAIK, apud ACOSTA-ORJUELA, G. M. 1999: p. 54.
[230] ACOSTA-ORJUELA, G. M. 1999: p. 19.
[231] Cf. KERCKHOVE, D. 1997: p. 157.

Estes movimentos encontram-se na base de articulações rudimentares que, posteriormente, irão servir às práticas de vocalização e verbalização. "Isto significa que as formas de *comunicação do corpo* têm a idade do próprio homem, constituindo núcleos primordiais da comunicação humana"[232].

Já está comprovado que a televisão ensina e com alta eficiência. Este ensino apresenta resultados positivos em termos de retenção e transferência de resultados[233]. Entretanto, a qualidade das informações e o respeito às nossas capacidades fisiológicas para apreensão e memorização de conteúdos são fundamentais para um bom resultado de trabalho.

No Brasil, é lastimável que este potencial educativo da televisão ainda seja pouco explorado. Para Eugênio Bucci, é fundamental que a escola abra um canal de discussão no qual as crianças possam se manifestar e verbalizar o que vêem na televisão. Para ele, "mais importante do que controlar o que a TV veicula diariamente é preparar o público, sobretudo os telespectadores mirins, para vê-la sem se submeter a ela"[234].

Na Noruega, por exemplo, foi desenvolvido um currículo para ensinar as crianças de dez a doze anos a serem consumidores de TV mais observadores e críticos[235]. Este tipo de atitude também foi adotada na província de Ontario, no Cana-

---

[232] RECTOR, M, TRINTA, A. R. 1995: p. 10.
[233] Cf. PFROMM, N., apud ACOSTA-ORJUELA, G. M. 1999: p. 178.
[234] BUCCI, E. apud RIZZO, S. 1998: p. 13.
[235] Cf. VOOIJS, M., VOORT, T. apud ACOSTA-ORJUELA, G. M. 1999: p. 157.

dá, e a educação para as mídias já alcançou caráter oficial em todo o país.[236].

Para Maryvonne Masselot-Girard,

> saber ler uma emissão, aprender a fazer a ligação entre a imagem, o texto e o som, compreender a técnica de montagem, descrever o conteúdo dos programas (...) são habilidades que permitem que as crianças aprendam a escolher[237].

Talvez assim, possamos formar crianças e adultos mais atentos aos efeitos nocivos da televisão e também mais aptos a usufruir de seus aspectos positivos.

6. CONCLUSÃO

O resultado ao qual podemos chegar depois deste trabalho é, em primeiro lugar, que a televisão se dirige antes ao nosso corpo do que à nossa mente. Ela está muito mais relacionada à nossa fisiologia do que podemos imaginar. Desta forma, não adianta estudarmos somente os conteúdos da TV. É imprescindível investigarmos o seu funcionamento técnico.

A tela não é apenas um meio, um canal, entre a emissão e a recepção de mensagens. Ela é a própria mensagem. Através da tela, a visão e todos os nossos outros sentidos são estimulados a responder. Esta hiperestimulação sensorial nos torna novas pessoas. Isto seria até bom se aprendêssemos,

---

[236] Cf. KIELING, C., TRIBOLI, P. S, CAPPARELLI, S. 2001.
[237] MASSELOT-GIRARD, M. apud ALBUQUERQUE, F., ANDREIS, C., KIELING, C. et al. 2001.

com o tempo, a sermos mais sensíveis ao mundo e às pessoas que nos rodeiam. Tornaríamos, então, conhecedores e exploradores de nossos sentidos e de nosso corpo. Mas, ao que tudo indica, o que tem acontecido é que o fenômeno nos confunde e provoca alterações até irreversíveis em nosso corpo. Nem sempre nosso organismo consegue dar uma resposta adequada aos estímulos recebidos através da TV devido à rapidez da montagem audiovisual. Agimos inconscientemente, dando respostas com o nosso corpo, que passa a armazenar uma grande quantidade de informações. Daí surgem inúmeras doenças como o estresse, que nos deixa mais expostos aos anúncios publicitários subliminares, provocando mudanças físicas na forma de responder de nosso organismo e fragilizando nosso sistema imunológico.

As tecnologias da comunicação estão alterando, consideravelmente, não apenas a nossa forma de agir mas a de reagir. McLuhan já se perguntava qual seria a imunidade possível contra a atuação subliminar de um meio como a televisão. Segundo ele, para haver resistência à TV, seria preciso existirem os anticorpos de meios relacionados como a imprensa. Mais recentemente, Pierre Bourdieu compartilhou da idéia de McLuhan. Para ele, a imprensa deve trabalhar para difundir armas de defesa. As pesquisas de vanguarda precisam ser divulgadas pelos jornalistas inseridos nos grandes órgãos de imprensa. Estes profissionais teriam, na visão do autor, o

dever de transmitir e defender as mensagens mais audaciosas e anticonformistas sobre a televisão, mesmo ao custo de lutas e desentendimentos. Dificilmente os resultados sobre os malefícios da televisão serão transmitidos através da tela da própria TV, mas o trabalho dos jornalistas pode ser facilitado pela internet, um meio de divulgação que não encontra censura como a televisão.

O público leigo desconhece o que a ciência sabe sobre a TV. Estas informações são de difícil acesso e geralmente redigidas em idiomas estrangeiros. Este é um dos maiores problemas encontrados por grupos sociais e organizações brasileiras empenhadas em fazer uma TV mais sintonizada com a gravidade de nossa realidade.

No Brasil, os problemas são ainda mais sérios. Estuda-se muito os excessos da programação, os efeitos da violência, a disseminação de "baixarias" e a deturpação de valores familiares, mas não existem organismos fiscalizadores responsáveis nem mesmo por estes conteúdos. Dificilmente, portanto, existirá a preocupação com o meio de comunicação em si.

Apesar de o governo ser responsável pelas concessões de canais de radiodifusão, sempre faltam recursos destinados a fomentar pesquisas científicas em televisão por parte de agências governamentais, o que desestimula empreendimentos acadêmicos de importância social. Este quadro opõe-se àquele verificado em países da Europa e da América do Norte, onde o

problema da TV sobre o comportamento parece encontrar mais eco. Além disso, as concessões são utilizadas como "mercadorias" em negociações políticas. Um bom exemplo foi o "festival" de concessões no governo Sarney.

Cabe também a outras instituições, como os tribunais de justiça, os partidos políticos, a família e a escola, a tarefa de servirem como parte do sistema imunológico de informação de uma cultura. Entretanto, para fazer um controle sistemático de meios de comunicação como a televisão, estas instituições precisam ter acesso às pesquisas científicas sobre a forma de agir da TV em nosso organismo.

A escola e a família talvez sejam os maiores responsáveis por mudar esta realidade, sendo capazes de obter resultados mais significativos. Sabendo-se que a presença e importância da televisão é um fato entre as crianças, e que elas podem ser suas maiores vítimas, por que não usá-la em benefício delas próprias? Já que a TV estimula o envolvimento, as crianças, com sua curiosidade característica, podem aprender, além dos conteúdos convencionais. Elas têm a possibilidade de também entender e dominar o aparato técnico de funcionamento deste meio. As características técnicas da TV facilitam, inclusive, a interatividade com as crianças. Certamente, assim, estas crianças serão cidadãos mais observadores e críticos não só em relação à televisão mas a todas as outras tecnologias disponíveis.

A educação será uma poderosa arma contra o analfabetismo proporcionado pelos meios visuais. O perigo de se formar crianças não habituadas à leitura, reféns de imagens sem sentido e informações que não trazem conhecimento pode ser fatal para gerações inteiras, comprometendo o desenvolvimento cultural, seja localizado ou global.

A família é peça fundamental neste processo. Os pais precisam ser mais responsáveis ao deixarem seus filhos expostos à TV. É preciso usar sua autoridade para evitar que seus filhos fiquem horas na frente da tela, hipnotizados por luzes, cores e sons lançados, indiscriminadamente, em suas direções. A TV precisa deixar de ser a "babá eletrônica" no núcleo familiar. Pais e mães parecem querer se ver livres das chateações de seus filhos e mandam que os mesmos assistam à televisão, embora, muitas vezes, não tenham consciência do mal que estão fazendo. Aparentemente, parte significativa destes pais já é vítima do mesmo processo. Se eles não sabem o que pode ser prejudicial, isto só vai mudar com a divulgação dos perigos causados pela TV. E, neste caso, a educação é a base. Caso contrário, este analfabetismo provocado pela TV se perpetuará até ser tarde demais para encontrar soluções.

Como vemos, a televisão continua a exigir adaptações e adequações tanto na estrutura educacional, como nas instituições e áreas acadêmicas. O passo adiante parece depender,

pelo menos, parcialmente, da maneira como nosso ambiente e nossas extensões tecnológicas nos afetam. Por isto, parece salutar a idéia da chamada "tecnopsicologia", que estuda as condições psicológicas das pessoas submetidas às inovações tecnológicas. As tecnologias do vídeo dizem respeito ao nosso cérebro, a todo nosso sistema nervoso e aos nossos sentidos, e isto cria condições para se pensar em uma nova psicologia. Conforme defende Kerckhove, a televisão, por exemplo, ao invés de ser vista como uma difusora unilateral de materiais audiovisuais, poderia ser encarada pelos psicólogos como uma extensão dos nossos olhos e ouvidos até os locais de produção das imagens.

Neste sentido, podemos acrescentar a relevância de uma nova medicina e de uma nova biologia voltadas para o estudo dos efeitos dos meios de comunicação em nosso corpo. Além disso, o estudo da comunicação também precisa estar em linha com estas preocupações. É imprescindível que as escolas de jornalismo, por exemplo, mantenham intercâmbio com a área da saúde para que questões como as que foram alvo deste trabalho ganhem relevo entre pesquisadores e estudantes. Ao mesmo tempo, é dever e responsabilidade dos jornalistas estarem atentos a estes problemas que, literalmente, ameaçam nosso bem-estar.

A questão não é descobrir quem é o vilão. Todas as tecnologias têm poderosos efeitos imprevisíveis e afetam nos-

sas vidas. A televisão é um fato social incontornável. Mas, quando tomamos consciência de como ela entra em nossa mente, modificando nossa forma de sentir, agir e reagir, temos, ao menos, a opção de nos proteger. Afinal, a afirmação constante da racionalidade humana faz com que os impactos dos meios de comunicação estejam sujeitos à avaliação dos homens. Esta capacidade pode ser expressa em idéias ou na atitude de utilizar de forma mais consciente todos os meios de comunicação.

Por mais que os veículos se utilizem de artifícios dirigidos ao nosso corpo como forma de nos seduzir, o ambiente selecionador na evolução tecnológica é um ambiente consciente. Ele pode até ser imperfeito em sua capacidade de aprender e também pode ser orientado mais pela emoção que pela razão, mas ainda é capaz de aprender e raciocinar.

7. BIBLIOGRAFIA

1) ACOSTA-ORJUELA, Guillermo Maurício. *15 motivos para "ficar de olho" na televisão*. Campinas: Alínea, 1999.

2) ALBUQUERQUE, F., ANDREIS, C., KIELING, C., BALSEMÃO, R., CAPPARELLI, S. A proteção à infância na televisão européia: site *http://www.tver.org.br.2001*. Consultado em 24 out. 2001.

3) ALLEN, Garland. E., BAKER, Jeffrey. J. W. *Estudo da Biologia*. Trad: Elfried E. Kirchner. São Paulo: Edgard Blücher, 1975, v.1.

4) BOURDIEU, Pierre. Retorno sobre a televisão. In: BOURDIEU, P. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal.* Trad: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

5) BUCCI, Eugênio. Direitos dos telespectadres: site *http://www.tver.org.br.2001*. Consultado em 24 out. 2001.

6) CURTIS, Helena. *Biologia*. Trad: Heni Sauaia. Rio de Janeiro: Guanabara, 1977.

7) FERRÉS, Joan. *Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas*. Trad: Ernani Rosa e Beatriz A. Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.

8) FONSECA, Celso. Terra de gigantes. *IstoÉ*. n. 1538, p. 52-5, 24 mar. 1999.

9) KERCKHOVE, Derrick de. *A pele da cultura: uma investigação sobre a nova realidade eletrônica*. Trad: Luís Soares e Catarina carvalho. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.

10) KEY, Wilson Bryan. *A era da manipulação: como a mídia seduz e manipula sua mente – na publicidade, na imprensa, nos negócios e na política – e como você pode se proteger*. Trad: Iara Biderman. São Paulo: Scritta, 1996.

11) KIELING, C., TRIBOLI, P. S., CAPPARELLI, S. (orientador). A proteção à infância nos sistemas de televisão norte-americano e canadense: site *http://www.tver.org.br.2001*. Consultado em 24 out. 2001.

12) KULPAS, Sérgio. Entendendo McLuhan: entrevista com Nelson Tall, diretor do Marshall McLuhan Center for global Comunications. *C@rta.com.* n. 2, p. 21-7, out. 2000.

13) KURZ, Robert. A ignorância da sociedade do conhecimento. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 jan. 2002, Mais!, p. 14-5.

14) LEVINSON, PAUL. *A arma suave: história natural e futuro da revolução da informação*. Trad: J. Freitas e Silva. Lisboa: Bizâncio, 1998.

15) LOBO, Flávio, TONELLI, Maria José. Cronos reinventado. *Carta Capital*. n.141, p.62-4, 28 fev. 2001.

16) MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão: a vida pelo vídeo*. São Paulo: Moderna, 1988.

17) MCLUHAN, Marshall Herbert. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad: Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964.

18) ------, FIORE, Quentin. *O meio são as massa-gens*. Coord. Jerone Agel. Rio de Janeiro: Record, 1969.

19) MENEZES, Cynara. Quando a TV é uma droga. *Carta Capital*. n. 178. p. 14-7, 27 fev. 2002.

20) Mundo vê mais TV. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 abr. 2001, tv folha, p. 7.

21) PASTORE, Karina. Raios fulminantes. *Veja*. n. 51, p. 20-1, 24 dez. 1997.

22) POSTMAN, Neil. *Tecnopólio: a rendição da cultura à tec nologia*. Trad: Reinaldo Guarany. São Paulo: Nobel, 1994.

23) RAMONET, Ignácio. *A tirania da comunicação*. Trad: Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1999.

24) RECTOR, Mônica, TRINTA, Aluizio Ramos. *Comunicação do corpo*. São Paulo: Ática, 1995.

25) RIZZO, Sérgio. O poder da "telinha". *Nova Escola*. n. 118, p. 13, dez. 1998.

26) SANTOS, João de Almeida. *Homo Zappiens: o feitiço da televisão*. Lisboa: Editorial Notícias, 2000.

27) SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1984.

28) VIRILIO, Paul. *A máquina de visão: do fotograma à videografia, holografia e infografia (computação eletrônica): a humanidade na "era paradoxal"*. Trad: Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

29) ------. *A arte do motor*. Trad: Paulo Roberto Pires. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.